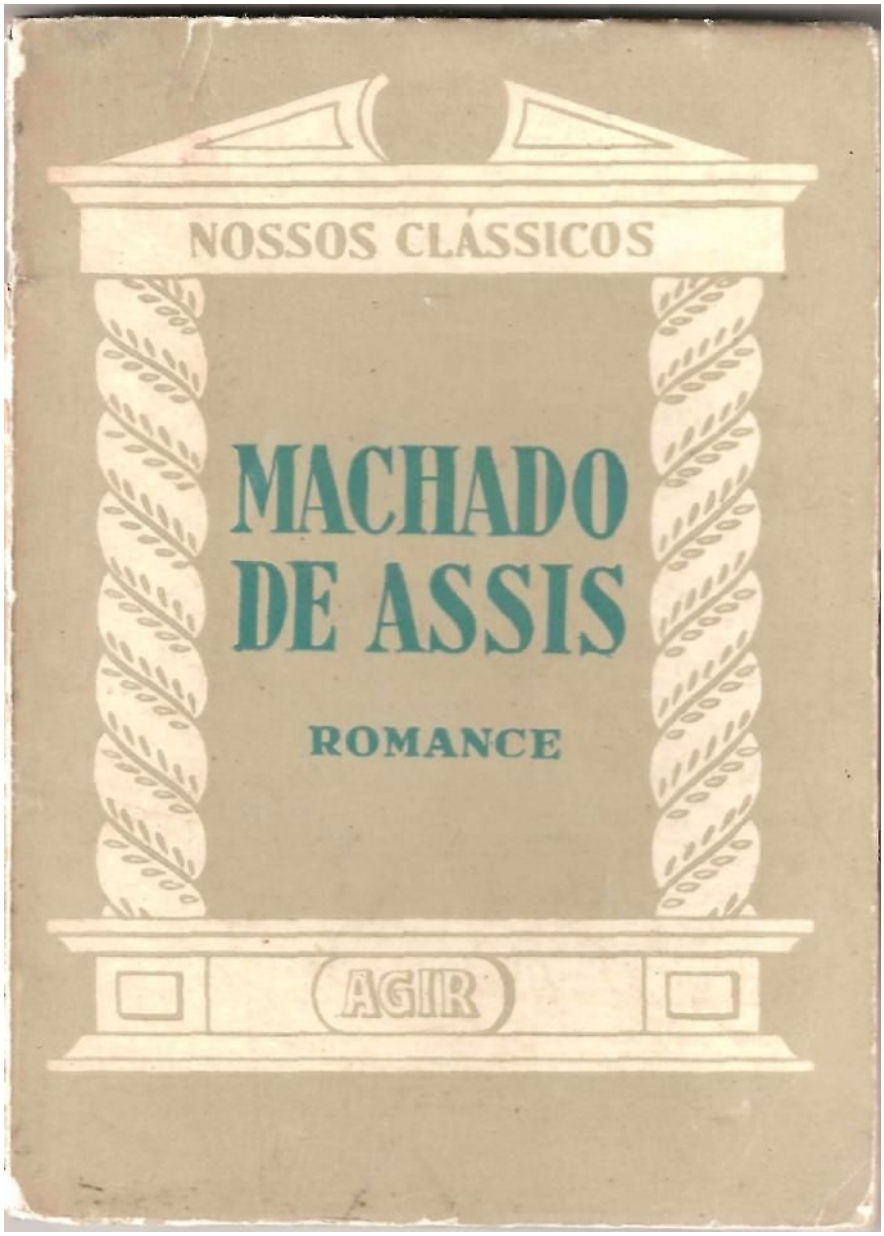

http://saomiguel.webng.com/

Certificado de registro de Marca "Nossos Clássicos":

Em Portugal, n." 84.146 No Brasil, Termo 299.315, Cl a sse 32.

Copyright de ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS
S. A. (AGIR)

Livraria AGIR Editôra

Rua Bráulio Gomes, 125 Rua México, 98-B *At.* Afonso Pena, 919 (ao lado da Bibl. Mun.) Caixa Postal 3291-ZC-0O Caixa Postal 733
Caixa Postal 6040 Tel.: 42-8327 Tel.: 2-3038
Tel.: 34-8300 Rio de Janeiro Belo Horizonte
São Paulo, S. P. Guanabara Minas Gerais

Endereço telegráfico "AGIRSA"

MACHADO DE ASSIS

ROMANCE

MACHADO DE ASSIS

NOSSOS CLÁSSICOS
Publicados sob a direção de
Alceu Amoroso Lima
e Roberto
Alvim Corrêa

37

MACHADO DE ASSIS

ROMANCE

por Gustavo

Corção

2.ª edição

*

1966
Livraria AGIR Editôra
RIO DE JANEIRO

DADOS BIOGRÁFICOS*

1839 — 21 de Junho: Nasce no Morro do Livramento, Bio, Joaquim Maria Machado de Assis, filho legítimo de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis.

1855 — Machado publica seu primeiro trabalho, a poesia "Ela", tia Marmota Fluminense, onde colaborará até 1861. Um ano mais tarde, entra de aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional, onde ficará até 1858, e onde conhece seu primeiro protetor, Manuel António de Almeida.

186O — Convidado por Quintino Bocaiuva, começa a colaborar no Diário flo Rio de Janeiro, onde fica até 1867.

1863 — Começa a colaborar TIO Jornal das Famílias, onde publicou diversos contos, até 1878. 1867 — É nomeado ajudante do diretor do Diário Oficial. 1869 — Contratos com o editor B. L. Garhler para a publicação (com a venda de direitos autorais) de Contos Fluminenses, Falenas, Ressurreição e Histórias de Meia-Noite. Em 12 de novembro casa-se com D. Carolina Augusta Xavier de Novais. Residência: Rua dos Andradas.

1873 — Publica em O Novo Mundo, de Nova Iorque, o famoso estudo intitulado "Instinto de Nacionalidade". Nomeado primeiro Oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

1879 — Começa a colaborar na Revista Brasileira, onde escreveu primeiro as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

1880 — Participa de um torneio enxadrístlco com os seis melhores jogadores do Rio, classificando-se em terceiro lugar. Nomeado Oficial de Gabinete do Ministro da Agricultura, Buarque Macedo.

1882 — Publicação de Papéis Avulsos, contos.

1884 — Publicação de Histórias sem Data, contos. Mudança para a Rua Cosme Velho, n.° 18, onde permanece até a morte.

1889 — Promovido a Diretor da Diretoria do Comércio, do Ministério da Agricultura, com o ordenado de oito contos por ano.

1896 — Publicação de Várias Histórias. Fundação da Academia Brasileira.

1901 — Primeira edição das Poesias Completas.

1902 — Nomeado Diretor-Geral da Contabilidade do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas.

1904 — Viagem a Friburgo com Carolina doente. Morte de Carolina em outubro.

1908 — Machado se licencia no Ministério da Viação, para tratamento de saúde. Neste mesmo ano publica Memorial de Aires, seu último livro. E, ainda neste mesmo ano, em setembro, falece Joaquim Maria Machado de Assis, em sua casa própria à Rua Cosme Velho, n.° 18. O atestado de óbito dá o morto como de "côr branca", apresentando para causa-mortis arteriosclerose.

1. Este capitulo é da autoria do Prof. Gladstone Chaves de Melo, como também o "Julgamento Crítico", a "Bibliografia do Autor" e a "Bibliografia Sobre o Autor". Devo, além disso, ao Prof. Gladstone Chaves de Melo sua preciosa contribuição no estabelecimento dos textos que escolhi para a "Antologia".

APRESENTAÇÃO

SITUAÇÃO HISTÓRICA — Os romances de Machado de Assis foram escritos entre 1872 e 1908, estando em 1881 o ponto de Inflexão que separa as duas fases da obra. Terminara no Brasil a guerra do Paraguai, nos Estados Unidos a guerra da Secessão, e na Europa a guerra Franco-Prussiana. Na primeira parte daquele período, o Brasil do segundo reinado desfrutava o otimismo e a tranquilidade características do apogeu da sociedade liberal; e apesar das inquietações periféricas, produzidas pela questão militar, pela questão religiosa, e pela questão social, que naquele tempo tinha as modestas proporções do abolicionismo, pode-se dizer que o Brasil realizava, defasada vinte ou trinta anos em relação à Europa, uma espécie de versão nossa da era vitoriana.

Aproximemos algumas datas: quando Machado escrevia *Ressurreição* (1872), Tolstoi escrevia *Ana Karenina;* Rim-baud, que nos parece tão moderno, publicava *Une Saison en Enfer,* e Emile Zola prosseguia a publicação da monumental série de romances da escola naturalista, que tanta impressão deixara na obra de Eça de Queirós, e que Machado, com muito bom gosto e muito discernimento, analisa na crítica que fêz do *Primo Basílio.*

No ano em que Machado escreveu *Brás Cubas,* o mundo europeu, julgando preparar a apoteose do século das luzes, preparava na verdade o fermento que viria liquidar o mundo burguês e fundar um nôvó século mais profundo e menos confiante em si mesmo. Estão plantadas as sementes do marxismo, está divulgado o evolucionismo, e está em marcha a revolução estética que ao mundo burguês se apresenta como uma loucura coletiva. Poucas épocas terão sido tão inquietas e perturbadas como esse fim de século, e fim de civilização. A sociedade brasileira do segundo reinado, protegida por sua própria pequenez cultural, recebia com muito amortecimento as vibrações que vinham da Europa, e preparava um positivismo local, militar, que seria uma espécie de síntese do racionalismo ocidental. Machado de Assis, homem de muita leitura e muita curiosidade local,

acompanhou as duas coisas defasadas, viveu os dois climas espirituais desencontrados, mas não se tornou subserviente nem ao espaço nem ao tempo. Pôs nos romances a côr local e a inquietação do século, contrapondo assim na mesma obra as duas coisas separadas pela história e pela geografia. Viu a Abolição tão desejada; assistiu à mudança de regime com certa indiferença pela República; e veio morrer a poucos passos do princípio do desmoronamento do mundo liberal. ,

Como homem e cidadão, Machado de Assis é um genuíno representante da sociedade liberal burguesa, e há de ser por isto que insensivelmente, inconscientemente, o *trabalho* não entra na dinâmica de sua ficção. Seu primeiro cuidado parece ser o de distribuir dotes e heranças, para que seus personagens se movam sem o embaraço da condição servil. Mas depois dessa concessão ao século, ultrapassa os limites do espaço é do tempo, e deixa uma obra que tem a grandeza da universalidade e da intemporalidade, e o sabor da região e da data.

ESTUDO CRITICO — Quando Machado de Assis, em 1872, teve a ideia de escrever seu primeiro romance, *Ressurreição,* já não era um obscuro autor que diante de um público indiferente, e às vezes hostil, experimenta seus virginais recursos. Aos trinta e três anos, podia considerar-se um autor conceituado e um homem bem servido; tinha público e lar; gozava fama de fidalgo nas letras e ganhava com a pena o que lhe bastava para uma vida discreta e fina. Cinco anos antes fora agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, por serviços prestados às letras, e três anos antes casara-se com D. Carolina Augusta Xavier de Novais, que não lhe deu filhos, mas deu-lhe aquela parte do casamento que costuma ser mais rara: a felicidade longa e tranqiiila. "

Estamos, pois, diante de um homem bem posto no planalto da vida, onde geralmente se estabilizam os valores, e se decidem as promessas afloradas na infância. Digamos logo o termo que se aplica a *este* Machado de Assis de 1872, condecorado, aplaudido, admirado, e principalmente amado: um homem bem sucedido. Não se vêem nesse vitorioso os sinais de luta árdua, ou as marcas de ressentimento produzido pela origem humilde ou pela mistura de raças. Alguns

biógrafos e críticos julgam ter descoberto, no tão falado e tão mal compreendido pessimismo machadiano, sinais daqueles ressentimentos; mas a meu ver quem está com a razão é Barreto Filho no perfil que nos traça: "Não parece justificada a ideia de ter sido vítima de complexos de inferioridade. Ao contrário, a sua coerência, o seu poder de realização, a sua reserva e distinção inatas, e o modo desenvolto e tranquilo de ir pelo caminho certo, sem hesitações e sem atritos, mostram a facilidade com que superou as condições desfavoráveis." *(Introdução a Machado de Assis,* Agir, 1947, pág. 24). Graça Aranha, citado na mesma página por Barreto Filho, diz: "Machado de Assis não revelou nunca esse árduo combate interior, não fêz transbordar no ódio e no despeito a sua humildade inicial. Aristocratizou-se silenciosamente." Mais tarde, Joaquim Nabuco falará da beatitude de Machado, e verá nele a serena figura de um papa; o que se vê nos retratos, melhor nos últimos, é uma irradiação que está a pedir o qualificativo de majestosa.

Achamo-nos, pois, em 1872, diante do homem tranquilo e do bem sucedido escritor. Para o público, e talvez para êle próprio, chegara aonde por aplicação e talento merecia chegar; mas nós, que conhecemos o resto da história, e que levamos sobre os leitores de 1872 a vantagem de descortinar o futuro — futuro que se chama *Brás Cubas* ou que tem os olhos de ressaca de Capitu — nós bem podemos nos divertir com o colossal engano em que estavam os assinantes do *Diário do Rio de Janeiro,* ou os importantes emissários da coroa que pregaram na sobrecasaca do festejado autor a estrela de seis pontas, esmaltada^ bordada a ouro e marcada com a solene divisa: "Amor e Fidelidade". Estavam todos enganados, porque naquela época não existia ainda o que nós hoje chamamos *Machado de Assis.* E o raro fenómeno não existiria, nem estaríamos aqui a cuidar dele, se a condecoração, a felicidade conjugal e os demais elementos do planalto acima mencionado tivessem firmado o autor nas cómodas posições conquistadas.

Na verdade, a obra machadianâ até então realizada tinha qualidades de linguagem mas pouca densidade de conteúdo. Não hesitaríamos em classificar como medíocre o escritor que nos apresentasse a bagagem com que Machado

de Assis conquistou, naqueles tempos fáceis, a estima e a consideração dos contemporâneos. Como disse, não estaríamos aqui a preparar este volume, nem existiria talvez nef nhum dos livros constantes da "Bibliografia Sobre o Autor", se a obra posterior fosse um mero prolongamento daquela já então publicada. O verdadeiro Machado de Assis, isto/é, o autor que não hesitamos em colocar entre os mais altos valores da língua portuguesa, ao lado de Camões e de Fernando Pessoa, e que os assinantes do *Diário do Rio ãe Janeiro* talvez nem pressentissem, esse, o nosso Machado de Assis, só dez anos mais tarde viria a nascer. E só pôde nascer depois daquele equívoco quê glorificava por antecipação o autor de *Dom Casmurro.* Salta aos olhos do mais desatento biógrafo a sorte que teve Machado de Assis até os trinta anos, ou a sorte que tivemos nós de tê-lo assim, aos quarenta, desvencilhado dos conflitos superficiais, e por conseguinte apto a experimentar sondagens mais profundas.

Pode-se dizer que a tranquilidade conquistada, a estima, a felicidade conjugal são os elementos que vão permitir a Machado de Assis emancipar-se das aflições periféricas e mergulhar nas experiências mais metafísicas do que dramáticas de sua infância. A segurança conseguida realçará em sua alma a fragilidade do mundo criado, a contingência do ser que existe por um fio, a miséria do mundo e do homem. Antes disso, porém, Machado de Assis ainda escreverá os quatro romances de sua primeira fase: *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878).

* * *

Nos quatro primeiros romances, Machado já revela a perfeição de seu maravilhoso aparelho de expressão. Em cada uma daquelas obras há páginas que merecem antologia pela graça e pelo engenho da forma, mas essa mesma perfeição evidencia ainda mais a pobreza do conteúdo, e deixa no leitor, talvez por conhecer o resultado futuro, o penoso sentimento de desperdício de talento numa obra sem génio. O próprio autor, a despeito de todo o apoio que lhe dão o sucesso e a felicidade, deixa transparecer, no prefácio à primeira edição de *Ressurreição,* um fundo de inquietação ou de perplexidade. "Não sei o que deva pensar deste livro;

Ignoro, sobretudo, o que pensará o-leitor. A benevolência com que foi recebido um volume de contos e novelas, que há dois anos publiquei, me animou a escrevê-lo. É um ensaio. (...) Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro. A critica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e, sobretudo, se o operário tem jeito para ela. fio que lhe peço com o coração nas mãos." Foi bom que a crítica do tempo não desse a resposta que nós hoje, ajudados pelo próprio Machado, podemos dar. O romance é fraco e em certas passagens chega a ser ridículo; mas ha sua imperfeita mistura de um romantismo já agonizante e de um psicologismo ainda não experimentado, e, sobretudo, no contraste que se nota entre o intuito e o resultado, ou entre a audácia aconselhada por Shakespeare e á pobreza da obra, um crítico do tempo poderia ter pressentido, poderia ter anunciado um ponto de transição e até poderia ter vislumbrado alguma coisa de *Brás Cubais.* O autor quer romper não se sabe que limites, quer ousar, mas as guias das asas ainda não chegaram ao tamanho adulto, e o romance que resulta é quase pretensioso. Nos que se seguem, observa-se um recuo. São mais bem feitos, observam melhor equilíbrio entre o conteúdo e a forma, revelam acomodação do autor e talvez renúncia daquela audácia prematura e mal sucedida. Sem pretendermos fazer profecia retrospectiva, diríamos que Machado de Assis, naquele tempo de *A Mão e a Luva* e *Helena,* esteve a dois passos da mediocridade consolidada e satisfeita consigo mesma.

O modo de entender o romance, no que diz respeito à primazia dos personagens sobre o cenário ou sobre os acontecimentos, continua o mesmo, como se vê na "Advertência" feita em 1874 para a primeira edição de *A Mão e a Luva:* "Convém dizer que tais caracteres — o de Guiomar, sobretudo — foi o meu objeto principal, senão exclusivo, ser-vindo-me a ação apenas de tela em que lancei os contornos dos perfis." Romance, para Machado de Assis, é arte das personalidades, mais do que de feitos e fatos, servindo estes para revelar aquelas. Alguns anos mais tarde, em crítica magistral feita a *O Primo Basílio,* de Eça de Queirós, Machado reclamará a "pessoa moral de Luísa", que não

aparece no romance português, onde sâo os acontecimentos, as forças externas, que movem o personagem como »" um títere. A reclamação não foi bem compreendida na época, porque o sucesso de *O Primo Basílio* e o favor público de que gozava a escola realista ou naturalista, em que, se matriculara Eça de Queirós, eram mais fortes do que a autoridade do crítico. Hoje, passada a febre daquele modernismo — não há, aliás, coisa que mais depressa envelheça do que um modernismo —, nós admiramos a argúcia da crítica machadiana e ainda mais admiramos a força tranquila com que resistiu às seduções da moda que vinha da Europa.

De certo modo, entretanto, podemos cobrar do autor de *Helena* ou de *A Mão e a Luva* o mesmo que êle cobrava de Eça de Queirós. Reclamamos a pessoa profunda, ou a pessoa não esquematizada de Guiomar. Não diremos que os personagens de Machado, nos romances desta fase, são títeres movidos de fora pelo impulso dos acontecimentos. Não direi que Guiomar é um perfil de papel soprado pelo vento; os personagens têm vida interna, têm atividade imanente que predomina sobre os eventos, mas essa mesma atividade — e aqui está a pobreza fundamental desses romances — é uma espécie de mecânica, ou de esquematização psicológica e moral. À malograda penetração psicológica de *Ressurreição* substituiu-se uma esquematização de tipos tirados da coleção convencional da época. Essa superficialidade dos personagens era uma das múltiplas manifestações da mentalidade coletiva da época: o apogeu da sociedade liberal burguesa é também um apogeu da superficialidade. E nesses três romances pode-se dizer que Machado foi homem de seu tempo. Ora, não há coisa pior para o artista do que ser do seu tempo, desta maneira assentada e conformada que se submete às tiranias do século.

Os personagens dos quatro primeiros romances de Machado de Assis são burgueses e em regra geral vitoriosos. Alguém já observou que os personagens de Dostoiewski não fazem nada, não têm emprego, não têm ocupações: ou melhor, estão intensamente ocupados em serem personagens de Dostoiewski. Os do nosso autor também não fazem nada, mas por motivo diverso: pertencem à camada social que

estava dispensada do trabalho e do correlato suor, e que aqui no Brasil tinha ainda, a favor, o *hanãicap* da escravatura. Com poucas exceções — que começam a surgir em *laia Garcia* — as figuras centrais são pessoas ricas, e a transmissão das fortunas ou a aquisição da riqueza se faz geralmente pelo instrumento do legado, que tem lugar de destaque nos enredos machadianos, como tão bem observou Raimundo Magalhães Júnior.

Até aqui não há lugar para reclamações. O autor pintou figuras de seu tempo, e claro é que não se pode imputar ao romancista a maldade ou a mediocridade de seus personagens; mas podemos criticá-lo pelo fato de haver tratado aqueles caracteres com os próprios critérios, pobres e convencionais, da mentalidade e da moral de seu tempo. Os personagens burgueses são apresentados por um autor da mesma espécie, havendo, portanto, conivência entre as atitudes das figuras e o ponto de vista escolhido por quem as retrata. Dir-se-ia que Machado de Assis, até 1881, é um autor que saboreia o sucesso produzido pela concordância com os padrões vigentes, e que por esse prisma antevê os personagens que fabrica. Os quatro romances dessa época, os três últimos mais do que o primeiro, são obra de um moralista que não se esconde, que intervém, e que dita ao leitor os princípios com que há de julgar as pessoas e as situações. Machado de Assis crê piamente nas instituições e na moral do século, e Crê não só no miolo como no matiz e nas aparências da casca. Homem de ordem, futuro fundador de academias, pausado, assentado, só deixa entrever na obra desse tempo, como relâmpagos fugidios, alguns laivos da loucura que mais adiante irá abalar, ou até abater os andaimes que pareciam tão sólidos.

Cabe aqui um reparo. Machado de Assis foi e sempre será um autor que se torna presente na narração, que intervém, que se faz personagem entre os personagens. Ao contrário da escola realista, que pretendia a pura objetivi-dade e completa isenção do autor, Machado se intromete, faz obras de perspectiva pessoal, e faz bem, porque a história que assim nos conta fica enriquecida com o inigualável timbre do narrador. Não importa decidir agora se este processo é melhor do que aquele; mas importa assinalar que o autor explicitamente engajado terá sempre maior difi-

culdade de fugir à conivência com os personagens. Nos seus quatro primeiros romances, a nosso ver, Machado de Assis sai-se mal da dificuldade: compromete-se como moralista descoberto e mantém-se superficial e esquemático. Criador e criaturas, autor e personagens, todos estão ligados pelas mesmas relativas e efémeras convenções da época, que o autor considera como perenes decorrências da essência do homem. É verdade que entra sempre na narração, como parte principal dela, o subversivo amor; mas o aparelho da instituição, em que todos, a começar por Machado, criam de um modo que podemos qualificar de supersticioso, domina do alto de sua impavidez todo o travesso jogo das paixões. Os amores encaminham-se para o *happy end* convencional, ou esbarram, no caso de *Helena,* na dureza do instituto. Hoje nós vivemos a antítese daquela época e temos de lutar, contra o desvario dos costumes, em defesa do que há de real e perpétuo no aparelho humano que de, riva da lei natural, isto é, da vontade divina inscrita na natureza das coisas. Mas não cremos, e achamos que não devemos crer nos quadros sociais, e na mecânica deles, como criam os moralistas daqueles tempos estáveis. Tomemos, para ilustrar a ideia, o enredo de *Helena.* O personagem principal, que dá nome ao romance, entra como filha legitimada, moça feita, no quadro familiar oeupado pelo jovem Estácio e por sua tia D. Úrsula. Correm os capítulos com a gradativa conquista do afeto da tia, e com o desabrochar de um amor mais do que fraterno entre os dois jovens. Estácio era quase noivo oficial de Eugenia, moça frívola e tola. Com o aparecimento de Helena em sua vida, tornou-se repugnante o namoro que já era fastidioso. Entra em cena o P." Melchior, que lembra o cura das *Pupilas do Senhor Reitor,* de Júlio Dinis, por sua mansidão convencional, e que o autor nos inculca explicitamente como sábio e santo. Adivinhando o perigo de incesto que paira sobre os dois irmãos aproximados no ardor da mocidade sem a preparação neutralizadora da infância comum, o Padre empurra Estácio para os braços da enjoada Eugenia, e aplaude a ideia do casamento frio de Helena com Mendonça, amigo de Estácio. Até aqui se entende a ação do Padre, embora já nos pareça um pouco estúpida e até repugnante. Ele crê demais nas instituições e de menos no amor.

Não só aceita mas também recomenda um (jasamento que começa pelo desafeto evidente e declarado, ^dmite-se, en tretanto, a atitude do Padre: diante de um perigo iminente busca uma solução! em que o perigo está distante. O que não se admite é què tal conselho seja apresentado como fru to da santidade e da sabedoria. Se o autor não nos houves se dado sua opinião, limitando-se a deixais; andar seus personagens, nada poderíamos reclamar: os personagens, o Padre inclusive, estariam dançando com a música do século. O autor é que não pode dançar. Se imita Ipeus no ato criador tem de imitá-lo também em sua imutabilidade. Em outras palavras, o olhar que observa as coisas efêmera,s tem de ter referências perenes. Uma das coisas que o ro mancista tem de fazer, na opinião de Mauriac,'i é destrin çar o eterno do efémero. Ora, nos seus primeiros roman ces, Machado não spube efetuar essa discriminação e tor-nou<-se conivente ccim as fraquezas de seus personagens. Mas não pára naquele ponto, em que o P." Melchior acon selha casamentos sem amor, o que chamo conivência do autor. Mais adiante fica provado que os dois moços não eram meio-irmãos, como supúnhamos. Helena ftinha pai vivo, è nenhum sangue de Estácio. Ora, com a incrível du reza das categorias da época, o drama prossegue, -agora em nome das conveniências sociais e das aparências!. O noi vado de Estácio não se pode desmanchar como se a indisso lubilidade do matrimónio tivesse extravasado até a), promes sa dele, e aqui torna ò P." Melchior a intervir em favor de tão repugnante conúbio, contra as leis divinas d" amor desimpedido. E o autor está com o Padre. Lastimam am bos a sorte de Helena, mas respeitam ambos os falsos man damentos'que a assassinam. '

Os moços enamorados dos primeiros romances de jMacha-do são quase sempre ricos, quase sempre herdeiros, icasam-se por gosto ou contragosto, e entram quase sempre Ipara a Câmara dos Deputados. O autor pressente certamente — e às vezes entremostra um susto — o desconcerta dessa falsa ordem em que se move a tranquila sociedade de seu tempo; mas o caso é que êle também se move e sè guia pelos mesmos referenciais, com uma credulidade que não parece prenunciar *Brás Cubas.* Seus romances, com,a diferença a seu favor de uma penetração psicológica maior,

parecem-se com os de Júlio Dinis: são esplendidamente es critos, amáveis e superficiais. Devem ser lidos por quem queira estudar a obra toda e a evolução dela, mas não merecem atenção pelo próprio valor. Se' Machado de Assis tivesse morrido antes de 1881, nós não i teríamos Machado de Assis. Felizmente viveu, e felizmente deixou operar-se em si uma transformação espiritual profunda que libertou o génio escondido. O moralismo burguês será substituído por um angustiado vazio, por um desolado deserto varrido, por ventos de sandice. O novo autor do novo romance, talvez para ' marcar a linha divisória, começa pela morte do personagem, e substitui toda a ordem racional e moral dos romances anteriores por um delírio, que é a chave da nova estética.

Quem acaba de ler *Iaiá Garcia* (supbndo que tenha lido os anterioíès em ordem cronológica, coíno tivemos de fazer para preparar esta introdução) e começa a leitura de *Memórias Póstumas ãe Brás Cubas,* vê logo,, com refulgente evidência, que está diante de um fato novo, ou de uma nova estética, Como disse Alfredo Pujol. Nos romances anteriores, exCetuando talvez *Ressurreição,* jque é um ensaio diferente *é* malogrado, Machado de Assis realiza aplicadamente o romance de caracteres e o jogo esquematizado das paixões qtie os personagens encarnam... Como excelentemente observou Barreto Filho *(op. cit.,* |págs. 115 e 116), "o jogo dos caracteres se reduz ao típico e nunca chega ao pessoal pesses romances. Os caracteres se definem pelos sentimentos genéricos, pela ambição, pelo amor, pela gratidão". Òu então dir-sé-ia, segundo o mesmo fino crítico, que "por enquanto Machado deseja ípamihhar na estrada batida, e se recusa a ouvir o seu demónio interior, que o convida a uma outra aventura" (op. *'cit.,* pag. 112).

Em *Brás Cubas,* vê-se logo que Machado liberou o demónio interior e começa uma nova aventura. Compare o estudioso os dois romances, *laia Garcú* e *Brás Cubas,* a começar pela estrutura geral e pela sequência dos capítulos. Em *Iaiá Garcia* temos uma narração corrida,' lógica, e em cada capítulo, como numa cena de teatro, vemos sempre três ou quatro dos personagens principais. É sempre a vida

deles, ôU melhor, òs atos decorrentes dos sentimentos marcantes, que dão substância à obra e que prendem a atenção do leitor. Agora, em *Brás Cubas,* o próprio autor nos adverte, no mais delicioso dos prefácios, que a obra é *difusa.* "Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo, aí fica, privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião."

Como se quisesse marcar dè modo inconfundível o início de uma[1] nova aventura pelo próprio arcabouço da obra, começa pela morte, e antes dé pegar o fio da narração perde-se em considerações e entra em delírio. Correndo a lista dos capítulos, vê-se que boa parte é feita de digressões, que interrompem a narração e quebram a unidade fácil do "romance usual", substltuindo-a por outra mais sutil; e vê-se que muitos desses capítulos se cristalizam literariamente, com unidade própria, em páginas de antologia, como é o caso de "A Propósito de Botas" e "História de D. Plácida", que vão reproduzidas neste volume.

O contraste entre *Brás Cubas* e a obra anterior, como entre esta nova aventura e a vida de Machado, é tão forte que temos a tentação de dizer, com Lúcia Miguel-Pereira, que "tal obra não podia ter saído de tal homem". Mas não é a nova aventura ou a nova estética que constituem a essencial novidade da obra que aparece em 1881. Ela é diferente não apenas na forma, mas, sobretudo, na espiritualidade, na inspiração. Será preciso reabilitar o conceito platónico de inspiração, ou de delírio poético, como o fêz Maritain no subcapítulo intitulado "Mania from Below and Mania from Above" de seu grande livro sobre estética *(Creative Intuitiorí in Art anã Poetry),* para compreendermos melhor a diferença dimensional que existe entre *Iaiá Garcia* e *Brás Cubas.* Tínhamos antes um escritor talentoso, adaptado, que fazia obra ao sabor das convenções correntes, manejando muitíssimo bem a língua, mas seguindo os caminhos batidos; temos agora diante de nós, com espanto nosso, quase com susto, um valor peregrino, ímpar, que iguala as maiores altitudes da literatura universal, e que na língua portuguesa só encontra comparação digna de seu porte em Oamõés e Fernando Pessoa.

E inútil procurar em algum fator externo, como aconselha uma errónea filosofia, a causa principal de tão notável transformação. As circunstâncias podem ter desempenhado o papel de estimulante ou de propiciação, mas a fonte, a causa verdadeira e principal estava nas energias espirituais do autor. O que houve foi eclosão das riquezas de uma personalidade, ou explosão de um génio. A nova estética é mais efeito do que causa, mas efeito que reflui e se torna uma espécie de causa instrumental.

O fato é que Machado .de Assis, por volta de 1880, ganha novos olhos para o mundo e para a vida, ou passa a olhar por esses que já tinha e agora se descerram; e as páginas de *Brás Cubas* atestam a singular penetração! das novas pupilas, e as bizarras refraçôes que se observam nas profundidades por elas alcançadas. Foi bom para êle, e para nós, que sua vida tivesse corrido tranquila, porque assim, isenta de asperezas superficiais, livre da dramaticidade periférica, pôde a alma do artista sentir a dor mais funda e mais fundamental, pôde apreender a aflição cósmica, metafísica, que o poeta latino dizia serem as lágrimas das coisas. A partir da descoberta, ou da revelação, a obra de Machado ganha um amargor, que seu grande amigo Joaquim Nabuco chamava "vesícula de fel" e que críticos posteriores chamarão *pessimismo, cepticismo,* e até *maus bofes.* Essas qualificações são injustas, ou impróprias, ou muito insuficientes, e mal exprimem o que caracteriza principalmente nosso autor, isto é, a extraordinária acuidade de uma alma para a amargura das coisas, para o gemido fundo do ser criado e pendente em sua contingência. Sim, as coisas é que são amargas. O filósofo diz de outro modo a mesma verdade: o ser criado é composto de potência e ato, é frágil na sua contingência, é poroso e exposto às vicissitudes. O teólogo ensina que há um dom sobrenatural, o *dom ãe ciência,* que dá à alma um especial afinamento, uma aguda capacidade de valorizar o criado em face do Incriado. Por essa divina orelha, os místicos ouvem o que o Apóstolo descreve na *Epistola aos Romanos:* "Sabemos que toda a criação geme nas dores do parto; e não geme só o mundo: nós, que possuímos as primícias do Espírito Santo, também gememos dentro de nós mesmos..." Experiência análoga faz o poeta que descobre as lágrimas das

coisas, como Virgílio, ou o desconcerto do mundo, como Camões. Essa é a chave que dará conta das páginas pungentes que alguns críticos classificaram de pessimistas ou cépti*-cas. Machado de Assis não é um céptico; sempre foi crente, sempre acreditou em Deus, no bem e no mal; mas, depois da revolução interna, as, categorias parecem subvertidas e o crente se torna extraordinariamente perplexo. Descoberta a radical fragilidade do ser,. Machado transfere para a obra de arte o amargor que traz da. experiência metafísica. A loucura e a infidelidade serão os seus temas favoritos; e no enredo de *[Dom Casmurro* é Capitu, com seus olhos de ressaca, quem tem a incumbência de representar, encarnada, a fragilidade geral da vida e do mundo, e é quem representa a pior espécie de malogro — aquele que consegue destruir o que parecia definitivamente adjudicado: o passado, á eternidade da infância. A falha de Capitu, no romance de Machado, é "falha mais radical, uma traição à Infância, uma negação da poesia da vida", como diz Barreto Filho.

A leitura do *Eclesiastes,* que foi para Machado "um manual de sabedoria", dará ao estudioso o tom — essa espécie de tom menor mozartiano, chapliniano — em que foram escritos os romances maiores de Machado; e convém lembrar que seria extremamente impróprio chamar de céptico o ardente autor do *Eclesiastes.*

* * *

Resta ainda dizer algumas palavras sobre o modo que Machado escolheu para exprimir a experiência profunda a que nos referimos. Ora, o que Machado de Assis achou de melhor para exprimir as lágrimas das coisas foi o riso do humorista, e foi essa fórmula desconcertante que levou os críticos a interpretar como inafetividade ou cepticismo o que é uma fina e aguda dor escondida. Estranha técnica, na verdade, é essa que nos faz sorrir nas passagens mais pungentes! Voltando ao conceito platónico de loucura inspirada, e à passagem em que Barreto Filho diz que Machado ainda não resolvera libertar o demónio interior, que o convidava a grandes exped.ições no país dos contrastes, poderíamos dizer que em 1880, mercê de alguma circunstância que nos escapa, o *doido* aprisionado, o *supervivo,*

como diria Chesterton, libertou-se da custódia em que estava mantido, sob a vigilância do amanuense, do pai de família, e do escritor bem sucedido. Na verdade, é tamanha a incongruidade do espetáculo observado, quando a alma mergulha mais fundo, que se torna mister, para exprimi-lo, procurar novo instrumento, ou nova atitude que a muitos parecerá insensata ou até perversa. Camões e Fernando Pessoa passaram por experiências espirituais semelhantes, e sentiram bem o trágico, ou o tragiocômico da condição humana; mas altos demais para responder aos desafios do mundo com a fórmula moderna da "náusea" ou com a pseudofórmula do "absurdo", responderam com o delírio que Maritain, invocando Platão, chamou *"mania from above"*, À sandice do mundo, à loucura horizontal do século e de suas vaidades, respondem com a loucura poética, como o santo responde com a loucura vertical da cruz.

O humorismo machadiano, na sua obra de maturidade, é uma espécie de lágrima que secou e virou cristal com centelha de riso: é um recurso que forma com o conteúdo trágico da narração um composto de singular dinamismo emocional. As melhores páginas dos romances e contos de Machado são aquelas em que o autor finge pairar numa estóica ou céptica indiferença acima do drama, e ainda nos provoca o sorriso nas mais pungentes situações, como por exemplo, na "História de D. Plácida", ou na primeira página do conto "Pai Contra Mãe", onde nós vemos o homem, que por outras vias sabemos ter sido um ardente abolicionista, a sorrir-se da escravidão. Foi esse critério, do *humorismo pungente*, e de certo modo *fingidor* ("o poeta é um fingidor, finge tão completamente..." — Fernando Pessoa) , que nos guiou na escolha das páginas exemplares.

* * *

Há dois modos de ler: um que vai direito à coisa significada, sem se deter no sinal; e outro que dá valor ao sinal, às palavras, às construções verbais, por suspeitar que nelas esteja contida, pegada, uma parte importante da mensagem. Machado deve ser lido deste modo e não daquele; não apenas para saborear a boa linguagem ou o harmonioso estilo, mas para entender em maior profundidade o que o autor quer transmitir, Machado deve ser lido com atenção

por assim dizer duplicada, indo uma parte à coisa significada e outra ao sinal, às palavras, à sintaxe, às regências porque boa e misteriosa parte da coisa significada está presa à estrutura verbal. Não se pode contar um conto de Machado, ou narrar um capítulo de romance com *outras palavras.* O conteúdo está vitalmente colado à forma. O jogo de ideias está preso ao jogo dos elementos da linguagem. E é por isso que a obra de Machado é praticamente intraduzível em outro idioma, pois seria preciso aparecer no estrangeiro um escritor estilista de alto quilate, que pertencesse à família espiritual de Machado e que tivesse um profundo conhecimento da língua portuguesa. A probabilidade de tal acontecimento é ínfima, e é bem possível que cheguemos ao Juízo Final sem que Machado de Assis tenha realmente sido apreciado fora de nossas fronteiras. E é pena, para nós que estamos sempre sujeitos a certo sentimento de inferioridade, e para os estrangeiros que perdem a possibilidade de apreciar um dos primores da humanidade. As traduções que até agora foram feitas, umas melhores, outras piores, darão aos franceses e ingleses uma ideia apenas aproximada do que são *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas.* O estilo muito marcado, e, sobretudo, muito intencionalmente significativo, tem as qualidades e as intolerâncias da poesia: não se pode tocar numa preposição nem se pode substituir um termo por outro tido por equivalente. Para o estilista não há sinónimos, porque cada vocábulo, com sua significação, suas conotações, seu som e até sua grafia, é ao mesmo tempo sinal da coisa significada e sinal revelador do prisma com que a vê o autor. De tudo isto se tira que a leitura da obra de Machado de Assis deve ser compassada e atenta, sendo recomendável, em muitas passagens, para valorização do ritmo e do choque de fonemas, a leitura em voz alta, desde que se evite cuidadosamente a ênfase declamatória, que é mortal para o estilo de Machado.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

CAPITULO VII

O DELÍRIO

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faça-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenómenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na *Suma Teológica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atre-

vi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas cousas; e, perguntando-lhe, visto que êle falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dous quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma cousa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos: reflexões de cérebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

— Onde estamos?

— Já passamos o Éden.

— Bem; paremos na tenda de Abraão.

— Mas se nós caminhamos para trás! redarguiu motejando a minha, cavalgadura.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incómodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. E depois — cogitações de enfermo — dado que chegássemos ao fim indicado, não era impossível que os séculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como eles. Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecia uma ou outra planta, enorme, bru-tesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera-se que a vida das cousas ficara estúpida diante do homem.

Caiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta última palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das cousas externas.

— Não te assustes, disse ela, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

— Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabelos e levantou-me ao ar, como se fora uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito dos seres.

— Entendeste-me? disse ela, no fim de algum tempo de mútua contemplação.

— Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fábula. Estou sonhando, decerto, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma cousa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar fascina-me.

— Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te empres tei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu? e, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, ma-tando-me?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jucundo, supõe trazer em si a eterni dade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tem po subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro,

uma cousa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das cousas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto que o que eu ali via era condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, — flagelos e delícias, — desde essa cousa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que ora mordia a víscera, ora mordia o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das cousas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então

ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me pus a rir, — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão, disse cu, a coisa é divertida e vale a pena, — talvez monótona — mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a cousa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de Cómodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: — "Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará a decifração da eternidade." E fixei os olhos, e continuei a ver ás idades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas

de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte, que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último, — o último!; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso entraram os objetos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hipopótamo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetiva-mente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato *Sultão,* que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel...

(*Memórias Póstumas de Brás Cubas,* 4.ª edição, H. Garnier, Rio-Paris, [1899], pág. 33.)

CAPÍTULO XI O MENINO É PAI DO HOMEM

Cresci; e nisso é que a família não interveio; eresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as mag-

nólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde Os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustiga-va-o, dava mil voltas a um e outro lado, e êle obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!" — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um génio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a escon-der-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo con-temptor*dos homens, isso fui; se não passei o tempo a

esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã; fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara e exclamava a rir: Ah!: brejeiro! ah! brejeiro!

Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e; modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma cousa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cónego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que êle me dava mais liberdade do que ensino, e mais afeição do que emenda;- mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio.

De envolta com a transmissão e a educação, houve ain da o exemplo estranho, o meio doméstico. Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem de lín-

gua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que êle enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e êle gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a ar-regaçar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo e redarguindo às pilhérias do tio João, e a comentá-las de quando em quando com esta palavra:

— Cruz, diabo!... Êste sinhô João é o diabo!

Bem diferente era o tio cónego. Este tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunfiexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se êle poderia atinar fàcil-mènte com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéia; mas ninguém, nas

festas cantadas, sabia melhor o número e o caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cónego foi a única; ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros.

Não digo nada de minha tia materna, D. Emerenciana, e aliás era a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim; essa diferençava-se grandemente dos outros; mas viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dous anos. Outros parentes e alguns íntimos não merecem a pena de ser citados; não tivemos uma vida comum, mas intermitente, com grandes claros de separação. O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio, do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

{*Ibid.*, págs. 33-37.)

CAPITULO XXI

O

ALMOCREVE

Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, êle deu dous corcovos, depois mais três, enfim mais um, que me sacudiu fora da sela, com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada fora. Digo mal: tentou dis-

parar, e efetivamente deu dous saltos, mas um almocreve, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvencilhei-me do estribo e pus-me de pé.

— Olhe do que vosmecê escapou, disse o almocreve.

E era verdade; se o jumento corre por ali fora, contundia-me deveras, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre; cabeça partida, uma congestão, qualquer transtorno cá dentro, lá se me ia a ciência em flor. O almocreve salvara-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! enquanto eu tornava à consciência de mim mesmo, êle cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, — essa era inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que êle me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.

— Pronto, disse êle, apresentando-me a rédea da caval gadura.

— Daqui a nada, respondi; deixa-me, que ainda não estou em mim...

— Ora qual!

— Pois não é certo que ia morrendo?

— Se o jumento corre por aí fora, é possível; mas, com a ajuda do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre diabo, que nunca jamais vira

uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, vi-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juízo, que o "senhor doutor" podia castigá-lo; um monólogo paternal. Vaiha-mc Deus! até ouvi estalar um beijo: era o almocreve que lhe beijava a testa.

— Olé! exclamei.

— Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da prati-nha. Mas a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso' do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, êle não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituí-lo simples instrumento da Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por quê não direi tudo?) tive remorsos.

(*Ibid.*, págs. 72-74.)

CAPITULO XXIII

TRISTE, MAS CURTO

Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as cousas e cenas da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o vôo na direção da fonte original, e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida.

Reparando bem, há aí um lugar-comum. Outro lugar-comum, tristemente comum, foi a consternação da família. Meu pai abraçou-me com lágrimas. — Tua mãe não pode viver, disse-me. Com efeito, não era já o reumatismo que a matava, era um cancro no estômago. A infeliz padecia de um modo cru, porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é o seu ofício. Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, andava a cair de fadiga. Pobre moça! dormia três horas por noite, nada mais. O próprio tio João estava abatido e triste. D. Eusébia e algumas outras senhoras lá estavam também, não menos tristes e não menos dedicadas. — Meu filho!

A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nos não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei

mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar; disse-mo; verificamo-lo na seguinte manhã.

Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de outiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a ideia embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de cousas antigas, — a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não-ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. Quê? uma criatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais fizera verter uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era força que morresse assim, trateada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia? Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano.

Triste capítulo; passemos a outro mais alegre.

(*Ibid.*, págs. 77-79.)

CAPITULO XXXVI

A PROPÓSITO DE BOTAS

Meu pai, que me não esperava, abraçou-me cheio de ternura e agradecimento. — Agora é deveras? disse êle. Posso enfim... ?

Deixei-o nessa reticência, e fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da terra, porque fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro. Enquanto esta ideia me trabalhava no famoso trapézio, lançava eu os olhos para a Tijuca, e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, e sentia que o meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas. E descalçou-as o lascivo. Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, inefável e incoercível momento de gozo, que sucede a uma dor pungente, a uma preocupação, a um incómodo... Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenómenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

Tu, minha Eugenia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem ... O que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século. Quem sabe? Talvez um comparsa de menos fizesse patear a tragédia humana.

(*Ibid.*, págs. 112-113.)

CAPÍTULO XLVÍ A

HERANÇA

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, — minha irmã sentada num sofá, — pouco adiante, Cotrim, de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode, — eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado, Profundo silêncio.

— Mas afinal, disse Cotrim; esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; demos que vaiha trinta c cinco...

— Vale cinquenta, ponderei; Sabina sabe que custou cinquenta e oito...

—Podia custar até sessenta, tornou Cotrim; mas não se segue que os valesse; e menos ainda que os vaiha hoje. Você sabe que as casas, aqui há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os cinqiienta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

—Não fale nisso! Uma casa velha.

— Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao teto.

— Parece-lhe nova, aposto?

— Ora, mano, deixe-se dessas cousas, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com lisura. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo...

— O boleeiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre. —

Livre?

— Há dous anos.

— Livre? Como seu pai arranjava estas cousas cá por Casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?

Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de D. José I, a porção mais grave da herança, já pelo lavor, já pela vetustez, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o Conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas.

— Quanto à prata, continuou Cotrim, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de um copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...

— Mas posso casar.

— Para quê? interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fêz esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de aquiescência, e agradeceu-mo.

— Que é lá? redargui; não cedi cousa nenhuma, nem cedo.

— Nem cede?

Abanei a cabeça.

— Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se êle quer ficar também com a nossa roupa do corpo; é só o que falta.

— Não falta mais nada. Quer a sege, quer o boleeiro, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais sumário citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é \ sua irmã, que eu não sou seu cunhado e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro ofício!

Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação: dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açuca-reiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tem-po de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. En-tretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chá-cara, — e, depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas Cotrim adiantou e disse a mesma cousa.

— Isso nunca! não faço esmolas! disse êle.

Jantamos tristes. Meu tio cónego apareceu à sobremesa e ainda presenciou uma pequena altercação.

— Meus filhos, disse êle, lembrem-se que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

Mas Cotrim:

— Creio, creio. A questão, porém, não é de pão, é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de crianças, risos e tristezas da idade adulta, divi-dimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmã-mente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos bri-gados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas.

(Ibid., págs. 132-135.)

CAPITULO LXVI

AS PERNAS

Ora, enquanto eu pensava naquela gente, iam-me as pernas levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente

me achei à porta do hotel Pharoux. De costume jantava aí; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da ação me cabe, e sim às pernas, que a fizeram. Abençoadas pernas! E há quem vos trate com desdém ou indiferença. Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta, zangava-me quando vos fatigáveis, quando não podíeis ir além de certo ponto, e me deixáveis com o desejo a avoaçar, à semelhança de galinha atada pelos pés.

Aquele caso, porém, foi um raio de luz. Sim, pernas amigas, vós deixastes à minha cabeça o trabalho de pensar em Virgília, e dissestes uma à outra: —Êle precisa comer, são horas de jantar, vamos levá-lo ao Pharoux; dividamos a consciência dele, uma parte fique lá com a dama, tomemos nós a outra, para que êle vá direito, não abalroe as gentes e as carroças, tire o chapéu aos conhecidos, e finalmente chegue são e salvo ao hotel. E cumpristes à risca o vosso propósito, amáveis pernas, o que me obriga a imortalizar-vos nesta página.

(Ibid., págs. 185-186.)

CAPITULO LXX

D. PLÁCIDA

Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. 0 mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas.

Vê agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de náufragos, que

vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse canto de terra, que lhes deu algumas ilusões. Virgília fêz daquilo um brinco; designou as alfaias mais idóneas, e dispô-las com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros, e tudo ficou sob a guarda de D. Plácida, suposta, e, a certos respeilos, verdadeira dona de casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dous meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois â confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. D. Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que D. Plácida era minha sogra. Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, — os cinco contos achados em Botafogo, — como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(*Ibid.*, págs. 193-194.)

CAPITULO LXXIV

HISTÓRIA DE D. PLÁCIDA

Não te arrependas de ser generoso; a pratinha rendeu-me uma confidência de D. Plácida, e conseguintemente este capítulo. Dias depois, como eu a achasse só em casa, travamos palestra, e ela cóntoú-me em breves termos a sua história. Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram a seu cargo a filha, com dous anos, e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar a três pessoas. Fazia doces, que era o seu ofício, mas cosia também, de dia e de noite, com afinco, para três ou quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. Com isto iam-se passando os anos, não a beleza, porque não a tivera nunca. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas, seduções, a que resistia.

— Se eu pudesse encontrar outro marido, disse-me ela, creia que me teria casado; mas ninguém queria casar comigo.

Um dos pretendentes conseguiu fazer-se aceito; não sendo, porém, mais delicado que os outros, D. Plácida despediu-o do mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito. Continuou a coser para fora e a escumar os tachos. A mãe tinha a rabugem do temperamento, dos anos e da necessidade; mortificava a filha para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lha pediam. E bradava:

— Queres ser melhor do que eu? Não sei donde te vêm essas fidúcias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o Policarpo da venda, coitado... Esperas algum fidalgo, não é?

D. Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era génio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe o não fora, e conhecia algumas que tinham só o seu moço delas; mas era génio e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra cousa. Trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candeeiro, para comer e não cair. Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a por subscrição, e continuou a trabalhar. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, a não ser namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula. D. Plácida vivia com imensos cuidados, levando-a consigo, quando tinha de ir entregar costuras. A gente das lojas arregalava e piscava os olhos, convencida de que ela a levava para colher marido ou outra cousa. Alguns diziam graçolas, faziam cumprimentos; a mãe chegou a receber propostas de dinheiro...

Interrompeu-se um instante, e continuou logo:

— Minha filha fugiu-me; foi com um sujeito, nem quero saber... Deixou-me só, mas tão triste, tão triste, que pensei morrer. Não tinha ninguém mais no mundo e estava quase velha e doente. Foi por esse tempo que conheci a família de Iaiá: boa gente, que me deu que fazer, e até chegou a me dar casa. Estive lá muitos meses, um ano, mais de um ano, agregada, costurando. Saí quan do Iaiá casou. Depois vivi como Deus foi servido. Olhe os meus dedos, olhe estas mãos.. . E mostrou-me as mãos grossas e gretadas, as pontas dos dedos picadas da agulha. — Não se cria isto à toa, meu senhor; Deus sabe como é

que isto se cria... Felizmente, Iaiá me protegeu, e o senhor doutor também.. . Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola...

Ao soltar a última frase, D. Plácida teve um calafrio. Depois, como se tornasse a si, pareceu atentar na inconveniência daquela confissão ao amante de uma mulher casada, e começou a rir, a desdizer-se, a chamar-se tola, "cheia de fidúcias", como lhe dizia a mãe; enfim, cansada do meu silêncio, retirou-se da sala. Eu fiquei a olhar para a ponta do botim.

{*Ibid.*, págs. 200-202.)

CAPITULO LXXV

COMIGO

Podendo acontecer que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que D. Plácida saiu da sala. O que eu disse foi isto:

— Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de D. Plácida. Viu-a outros dias durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou D. Plácida. É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos no tacho, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim

de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

(*Ibid.*, págs. 203-204.)

CAPITULO CLX

DAS NEGATIVAS

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, áchei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

(*Ibid.*, págs. 381-382.)

QUINCAS BORBA

CAPITULO VI

— Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como morreu minha avó.

— Como foi?

— Senta-te.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

— Foi no Rio de Janeiro, começou êle, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. No momento em que minha avó saia do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da Rua Direita, veio um sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

— Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

— Não.

— Não?

— Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou

um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se, em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológios; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa antes de tudo), Humanitas precisa comer.

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse a casa, não morreria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

— E que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra cousa.

— Diga sempre.

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

— Queres ser meu discípulo?

— Quero.

— Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Huma-nitismo é o remate das cousas; e eu, que o formulei, sou

o maior homem do mundo. Olha, vês como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas ...

— Mas que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, — ou, para usar a linguagem do grande Camões:

> Uma verdade que nas cousas anda, Que
> mora no visíbil e invisíbil.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vás entendendo?

— Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas.

Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

-*- Mas a opinião do exterminado? • — Não há exterminado. Desaparece o fenómeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

— Bem; a opinião da bolha...

— Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemo-la a milhões de corrompidos c infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É *Dom Quixote.* Se cu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.

(*Quincas Borba*, 3.ª ed., H. Garnier, págs. 9-13.)

CAPÍTULO XIV

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal

do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, jóias, dinheiro amoedado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a êle próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana. Item, impunha-lhe a condição, quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idóneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa para depositá-los no lugar mais honrado da casa.

(*Ibid.*, págs. 24-25.)

CAPITULO LV

Tudo esperava o outro, menos isto. Daí o espanto em que se dissolveu a cólera; daí também uma sombrinha de pesar, que é o que o leitor menos espera. Deixá-los? Naturalmente ia-se embora do Rio de Janeiro; era o castigo que a si mesmo impunha, pela ação ruim que praticara, em Santa Teresa; logo, vexara-se, arrependera-se. Não tinha cara de aparecer à esposa do amigo. Tal foi a pri-

meira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses. Por exemplo, a paixão podia persistir, e a saída dele era um modo de afastar-se da pessoa amada. Também podia acontecer que entrasse aí algum plano de casamento.

A última hipótese trouxe à fisionomia do Palha um elemento novo, que não sei como chame. Desapontamento? Já o elegante Garrett não achava outro termo para tais sensações, e nem por ser inglês o desprezava. Vá desapontamento. Misturem-lhe o pesar da separação, não esqueçam a cólera que primeiro trovejou surdamente, e não faltará quem ache que a alma deste homem é uma colcha de retalhos. Pode ser; moralmente as colchas inteiriças são tão raras! O principal é que as cores se não desmintam umas às outras, — quando não possam obedecer à simetria e regularidade. Era o caso do nosso homem. Tinha o aspecto baralhado à primeira vista; mas atentando bem, por mais opostos que fossem os matizes, lá sé achava a unidade moral da pessoa.

(*Md.*, págs. 100-101.)

CAPITULO LVI

Mas, por que é que Rubião ia deixá-los? Que razão? Que negócio?

No dia seguinte ao do caso de Santa Teresa, acordou opresso. Almoçou mal. Não cuidou de nada; calçou as chinelas africanas sem interesse, não mirou as alfaias belas, ou simplesmente ricas, que lhe enchiam a casa. Não pôde suportar as carícias do cão mais de dous minutos; tão depressa o recebeu na sala, como o mandou embora. Ele é que enganou os criados e tor-

nou à sala; mas, tal foi o tabefe que recebeu na orelha, que não repetiu os afagos: estirou-se no chão com os olhos no amigo.

Rubião estava arrependido, irritado, envergonhado. No capítulo X deste livro ficou escrito que os remorsos deste homem eram fáceis, mas de pouca dura; faltou explicar a natureza das ações que os podiam fazer curtos ou compridos. Lá tratava-se daquela carta escrita pelo finado Quincas Borba, tão expressiva do estado mental do autor, e que êle ocultou do médico, podendo ser útil à ciência ou à justiça. Se entrega a carta, não teria remorsos, nem talvez legado, — o pequeno legado que então esperava do enfermo. No caso presente, era uma tentativa de adultério. Certo que êle suspirava há muito, e tinha ímpetos interiores; mas foi só a animação indiscreta da moça, e a própria excitação do momento que o levou a fazer a declaração repelida. Passados os vapores da noite, não era só vexame que sentia, mas também remorsos. A moral é uma, os pecados são diferentes.

Saltemos por cima de tudo o que êle sentiu e pensou durante os primeiros dias. Chegou a esperar alguma cousa no domingo, um bilhete como o do anterior, — com morangos ou sem eles. Na segunda-feira estava determinado a ir a Minas passar uns dous meses; tinha necessidade de restaurar a alma aos ventos de Barbacena. Não contava com o Dr. Camacho.

— Deixar-nos? perguntou finalmente o Palha.

— Creio que sim; vou a Minas.

Camacho, voltando da janela, sentou-se na cadeira em que estivera antes.

— Que Minas? disse êle sorrindo. — Deixe-se de Minas por ora; lá irá quando fôr preciso, e não se demorará mui to que o seja.

Palha não ficou menos admirado das palavras deste que das do outro. Donde surgira semelhante homem, com ar de dominar o Rubião? Olhou para êle; era pessoa *âp* estatura média, rosto estreito, pouca barba, queixo comprido, orelhas de pavilhão largo e aberto. Foi tudo o que pôde observar rapidamente. Viu também que á" roupa erâ fina, sem luxo, e que os pés não estavam mal calçados. Não examinou os olhos, nem o sorriso, nem as maneiras; não chegou a reparar no princípio de calva, nem nas mãos magras e cabeludas.

(*Ibid.*, págs. 101-103.)

CAPÍTULO LVII

Camacho era homem político. Formado em Direito em 1844, pela Faculdade de Recife, voltara para a província natal, onde começou a advogar; mas a advocacia era um pretexto. Já na academia, escrevera um jornal político, sem partido definido, mas com muitas ideias colhidas aqui e ali, e expostas em estilo meio magro e meio inchado. Pessoa que recolheu esses primeiros frutos de Camacho fêz um índice dos seus princípios e aspirações: — *ordem pela liberdade, liberdade pela ordem; — a autoridade não pode abusar da lei, sem esbofetear-se a si própria; — a vida dos princípios é a necessidade moral das nações novas como das nações velhas; — dai-me boa politica, dar-vos-ei boas finanças* (Barão Louis); — *mergulhemos no Jordão constitucional; — dai passagem aos valentes, homens do poder; eles serão os vossos sustentáculos, etc, etc.*

Na província natal, essa ordem de ideias teve de ceder a outras; e o mesmo se pode dizer do estilo. Fundou ali um jornal; mas, sendo a política local menos abstraía, Camacho aparou as asas e desceu às nomeações de delegados,' às obras provinciais, às gratificações, à luta com a folha adversa, e aos nomes próprios e impróprios. A adje-tivação exigiu grande apuro. Nefasto, esbanjador, vergonhoso, perverso, foram os termos obrigados, enquanto atacou o governo; mas, logo que, por uma mudança de presidente, passou a defendê-lo, as qualificações mudaram também: enérgico, ilustrado, justiceiro, fiel aos princípios, verdadeira glória da administração, etc, etc. Este tiroteio durou três anos. No fim deles, a paixão política dominava a alma do jovem bacharel.

Membro da assembleia provincial, logo depois da câmara dos deputados, presidente de uma província de segunda ordem, onde, por natural mudança do destino, leu nas folhas da oposição todos os nomes que escrevera outrora, nefasto, esbanjador, vergonhoso, perverso, Camacho teve dias grandes e pequenos, andou fora e dentro da câmara, orou, escreveu, lutou constantemente. Acabou por vir morar na capital do império. Deputado da conciliação dos partidos, viu governar o Marquês de Paraná, e instou por algumas nomeações, em que foi atendido; mas, se é certo que o Marquês lhe pedia conselhos, e usava confiar-lhe os planos que trazia, ninguém podia afirmá-lo, porque êle, em se tratando da própria consideração, mentia sem dificuldade.

O que se pode crer é que queria ser ministro, e trabalhou por obtê-lo. Agregou-se a vários grupos, segundo lhe parecia acertado; na câmara discorria largamente sobre matérias de administração, acumulava algarismos, artigos de legislação, pedaços de relatório, trechos de autores franceses, embora mal traduzidos. Mas, entre a espiga e a mão, está o muro de que fala o poeta; e por mais que o nosso homem estendesse a mão do seu desejo para colhê-la, a

espiga lá ficava do lado oposto, donde a arrancavam outras mãos, mais ou menos sôfregas, ou até descuidadas. /

Há solteirões na política. Camacho ia entrando /nessa categoria melancólica, em que todos os sonhos nupciais se evaporam com o tempo; mas não tinha a superioridade de abandoná-la. Ninguém que organizasse um gabinete se atrevia, ainda que o desejasse, a dar-lhe uma pasta. Camacho ia-se sentindo cair; para simular influência, tratava familiarmente os poderosos do dia, contava em voz alta as visitas aos ministros e a outras dignidades do Estado.

Não lhe faltava que comer. A família era pequena; mulher, uma filha, que ia nos dezoito anos, um afilhado de nove, e para isso dava a advocacia. Mas trazia a política no sangue; não lia, não cuidava em outra coisa. De Literatura, Ciências Naturais, História, Filosofia, Artes, não se preocupava absolutamente nada. Também não conhecia grandes cousas de Direito; guardava algum do que lhe dera a academia, mais a legislação posterior e práticas forenses. Com isso ia arrazoando e ganhando.

(*Ibid.*, págs. 103-106.)

CAPITULO CXLV

Foi por esse tempo que Rubião pôs em espanto a todos os seus amigos. Na têrça-feira seguinte ao domingo do passeio (era então janeiro de 1870) avisou a um barbeiro e cabeleireiro da Rua do Ouvidor que o mandasse barbear a casa, no outro dia, às nove horas da manhã. Lá foi um oficial francês, chamado Lucien, que entrou para o gabinete de Rubião, segundo as ordens dadas ao criado.

— Uhm!... rosnou Quincas Borba, de cima dos joelhos de Rubião.

Lucien cumprimentou o dono da casa; este, porém, não viu a cortesia, como não ouvira o sinal do Quincas Borba. Estava em uma longa cadeira de extensão, ermo do espírito, que rompera o teto e se perdera no ar. A quantas léguas iria? Nem condor nem águia o poderia dizer. Em marcha para a lua, — não via cá em baixo mais que as felicidades perenes, chovidas sobre êle, desde o berço, onde o embalaram fadas, até à Praia de Botafogo, aonde elas o trouxeram, por um chão de rosas e bogaris^ Nenhum revés, nenhum malogro, nenhuma pobreza; — vida plácida, cosida de gozo, com rendas de supérfluo. Em marcha para a lua!

O barbeiro relanceou os olhos pelo gabinete, onde fazia principal figura a secretária, e sobre ela os dous bustos de Napoleão e Luís Napoleão. Relativamente a este último, havia ainda, pendentes da parede, uma gravura ou litografia . representando a *Batalha de Solferino*, e um retrato da imperatriz Eugenia.

Rubião tinha nos pés um par de chinelas de damasco, bordadas a ouro; na cabeça, um gorro com borla de seda preta. Na boca, um riso azul-claro.

{*Ibid.*, págs. 270-271.)

CAPITULO CLXXX

Daquela vez, teve a fortuna de encontrar o Major Siqueira.

— Ia agora mesmo à sua casa, disse-lhe; vai para lá?

— Vou; mas já não estamos na mesma casa; mudamo-nos para os Cajueiros, Rua da Princesa.. .

— Seja onde fôr, vamos.

Rubião precisava de um pedaço de corda que o atasse à realidade, porque o espírito sentia-se outra vez presa da vertigem. Entretanto, falou com tal acerto e propriedade, que o Major o achou em pleno juízo, e disse-lhe:

— Sabe que tenho uma grande notícia que lhe dar?

— Vamos a ela.

— Há de ser quando chegarmos.

Chegaram. Era uma casa assobradada; D. Tónica veio abrir-lhes a cancela. Trazia um vestido novo e brincos.

— Olhe bem para ela, disse o Major pegando na filha pelo queixo.

D. Tónica recuou envergonhada.

— Estou olhando, respondeu Rubião.

— Não se vê logo que é uma pessoa que vai casar?

— Ah! parabéns!

— É verdade, vai casar. Custou, mas acertou. Achou por aí um noivo que a adora, como todos eles; eu, quando fui noivo, adorei a minha defunta, que foi uma cousa nunca vista... Vai casar. Arranjou um noivo. Custou, mas acertou. Pessoa séria, meia-idade; vem aqui passar as noites. De manhã, quando passa para a repartição, creio que bate na janela, ou ela já o espera; eu finjo que não percebo ...

D. Tónica dizia com a cabeça que não, mas -sorrindo de modo que parecia dizer que sim. Estava tão buliçosa! Nem se lembrava já que requestara o Rubião, que este fora uma das últimas, e por fim a última das suas esperanças. Tinham entrado na sala; D. Tónica foi à janela, voltou, cabeça alta, andando à toa, reconciliada com a vida.

— Boa pessoa, repetiu o Major, boa criatura. . . Tónica, vai buscar o retrato... Anda, vai buscar o teu noivo...

D. Tónica foi buscar o retrato. Era uma fotografia; representava um homem de meia-idade, cabelo curto, raro,

olhando espantado para a gente, cara chupada, pescoço fino e paletó abotoado.

— Que lhe parece?

— Muito bem.

D. Tónica recebeu o retrato e fitou-o alguns instantes; mas tirou logo os olhos, c deixou-se estar sentada, enquanto a imaginação saiu a esperar o Rodrigues. Chamava-se Rodrigues. Era mais baixo que ela, — cousa que o retrato não dava, — e empregado cm uma repartição do Ministério da Guerra. Viúvo, com dous filhos, um que estava no batalhão dos menores, outro que era tuberculoso, — doze anos, — condenado à morte. Que importa? Era o noivo; todas as noites, ao recolher-sc, D. Tónica ajoelhava-se ante a imagem de Nossa Senhora, sua madrinha, agradecia-lhe o favor e pedia-lhe que a fizesse feliz. Sonhava já com um filho; havia de chamar-se Álvaro.

(*Ibid.*, págs. 332-335.)

CAPITULO CLXXXI

Rubião escutou calado um discurso do Major. O casamento era dali a mês e meio; o noivo tinha que perfazer os arranjos da casa, não era capitalista, vivia do ordenado e recorrera a empréstimos. A casa era a mesma e não exigia trastes novos nem ricos; mas há sempre algumas necessidades ... Em suma dali a mês e meio, ou pelo menos, cinco semanas, estariam unidos pelos santos laços do matrimónio.

— E fico eu livre do trambolho, concluiu o Major.

—- Oh! protestou Rubião.

A filha ria-se; estava acostumada às graças do pai, e tão disposta à alegria que nada a vexava; ainda mesmo

que o pai se referisse aos seus quarenta anos passados não lhe daria grande golpe. Todas as noivas têm quinze anos.

— Verá como êle há de procurá-la depois, com saudades, disse Rubião a D. Tónica.

— Qual! Talvez eu me case também!

Rubião levantou-se repentino, e deu alguns passos; o Major não viu a expressão do rosto, não percebeu que o espírito do homem ia talvez descarrilhar, e que êle mesmo o pressentia. Disse-lhe que se sentasse, e contou-lhe os seus tempos de casado e de campanha. Quando chegou à narração da batalha de Monte-Caseros, com as marchas e contramarchas próprias do seu discurso, tinha diante de si Napoleão III. Calado a princípio, Rubião proferiu algumas palavras de aplauso, citou Solferino e Magenta, prometeu ao Siqueira uma condecoração. Pai e filha entreolharam-se; o Major disse que vinha muita chuva. Com efeito, escurecera um pouco. Era melhor que Rubião fosse, antes de cair água; não trouxera guarda-chuva, o dele era velho e único...

— Aí vem o meu coche, redarguiu Rubião tranquilamente.

— Não vem, foi esperá-lo no Campo. Não vês daí o coche, Tónica?

D. Tónica fêz um gesto vago e sem vontade. Não queria mentir, mas tinha medo, e desejava que Rubião saísse. Da casa era impossível ver o Campo da Aclamação. Já então o pai pegava no Rubião pelo braço e o encaminhava para a porta.

— Volte amanhã, depois, quando quiser.

— Mas por que não hei de esperar aqui até que venha o coche? perguntou Rubião. A imperatriz não pode apanhar chuva...

—- A imperatriz já foi.

— Fêz mal. Eugenia fêz muito mal. General... Para que há de o senhor ficar sempre em Major? General, vi o retrato do seu genro; quero dar-lhe o meu. Mande às Tulherias. Onde está o coche?

— Está no Campo, esperando.

— Mande chamá-lo.

D. Tónica, que estava à janela, disse para dentro:

— Lá vem Rodrigues.

E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz. Este parava, repreendia:

— General, sou seu imperador!

— De certo, mas acompanhe-me Vossa Majestade.. .

Tinham chegado à porta; o Major abriu a cancela, justamente quando o Rodrigues punha o pé na soleira. D. Tónica entrou para receber o noivo, mas a porta estava atravancada com o pai e Rubião. Rodrigues tirou o chapéu, mostrando o cabelo, áspero e grisalho; tinha nas faces chupadas umas pintinhas de sarda, mas o riso era bom e humilde, — mais humilde ainda que bom, — e, não obstante a trivialidade do gesto e da pessoa, era agradável. Os olhos não mostravam o espanto da fotografia; este efeito provinha da ênfasis que êle pôs em todo o corpo, a fim de que o retrato *saísse bonito.*

— Este senhor é o meu futuro genro, disse o Major a Rubião. Não é verdade que viu no Campo um coche e um esquadrão de cavalaria? perguntou ao Rodrigues, piscando um olho.

— Parece que sim, senhor.

— Pois então? continuou Siqueira, voltando-se para Rubião. Vá, vá, dobre a Rua de S. Lourenço, e caminhe direito para o Campo. Adeus, até amanhã.

Rubião desceu três degraus, —• eram cinco, — e parou diante do recém-chegado, fitou-o alguns instantes e declarou que estimava muito conhecê-lo, que fosse bom esposo e bom genro. Como se chamava?

— João José Rodrigues.

— Rodrigues. Hei de mandar-lhe uma fitinha aqui para a casaca. É o meu presente de núpcias. Lembre-me, Siqueira. Siqueira pegou-lhe no braço para fazê-lo descer os dous últimos degraus, e pô-lo na rua. —- No Campo, dizes tu?

— No Campo.

— Adeus.

Da rua, ainda Rubião olhou para as janelas, com os dedos no chapéu, a fim de cumprimentar D. Tónica; mas D. Tónica estava na sala, onde Rodrigues acabava de entrar, fresco e delicioso, como a primeira rosa de verão.

(*Ibid.*, págs. 335-338.)

CAPÍTULO CLXXXII

Rubião não cuidou mais do coche nem do esquadrão de cavalaria. Foi dar consigo abaixo, andou por várias ruas, até que subiu pela de S. José. Desde o Paço imperial, vinha gesticulando e falando a alguém que supunha trazer pelo braço, e era a imperatriz. Eugenia ou Sofia? Ambas em uma só criatura, — ou antes a segunda com o nome da primeira. Homens que iam passando, paravam; do interior das lojas corria gente às portas. Uns riam-se, outros ficavam indiferentes; alguns, depois de verem o que era, desviavam os olhos para poupá-los à aflição que lhes dava o espetáculo de delírio. Uma turba de moleques acompanhava o Rubião, alguns tão próximos, que lhe ouviam as

palavras. Crianças de toda a sorte vinham juntar-se ao grupo. Quando eles viram a curiosidade geral, entenderam dar voz à multidão, e começou a surriada:

— Ó gira! ó gira!

Esse vozear chamou a atenção de outras pessoas, muitas janelas dos sobrados começaram a abrir-se, apareceram curiosos de ambos os sexos e todas as idades, um fotógrafo, um estofador, três e quatro figuras juntas, cabeças por cima de outras, todas inclinadas, espiando, acompanhando o homem, que falava à parede, com o seu gesto cheio de grandeza e de obséquio.

— Õ gira! ó gira! berravam os vadios.

Um deles, muito menor que todos, apegaya-se às calças de outro, taludo. Era já na Rua da Ajuda. Rubião continuava a não ouvir nada; mas, de uma vez que ouviu, supôs que eram aclamações, e fêz uma cortesia de agradecimento. A surriada aumentava. No meio do rumor, distin-guiu-se a voz de uma mulher à porta de uma colchoaria:

— Deolindo! vem para casa, Deolindo!

Deolindo, a criança, que se agarrava às calças da outra mais velha, não obedeceu; pode ser que nem ouvisse, tamanha era a grita, e tal a alegria do pequerrucho, clamando com a vozinha miúda:

— Õ gira! ó gira!

— Deolindo!

Deolindo tratou de esconder-se entre os outros, para escapar às vistas da mãe que o chamava; esta, porém, correu ao grupo, e arrancou-o de lá. Em verdade, era pequeno demais para andar em tumultos de rua.

— Mamãe, deixa eu ver...

— Qual ver! anda!

Meteu-o em casa, e ficou à porta, a olhar para a rua. Rubião estacara o passo; ela pode vê-lo bem, com os seus

gestos e palavras, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.

— Os malucos têm graça, às vezes, disse ela sorrindo a uma vizinha.

Os rapazes continuavam a bradar e a rir, e Rubião foi andando, com o mesmo coro atrás de si. Deolindo, à porta da loja, vendo o grupo alongar-se, pedia chorosamente à mãe que o deixasse ir também, ou então que o levasse. Quando perdeu as esperanças, enfeixou todas as energias em um só gritozinho esganiçado:

— Õ gira!

(Ibid., págs. 338-340.)

CAPITULO CLXXXIII

A vizinha riu-se. A mãe riu-se também. Confessou que o filho era uma pestezinha, um endiabrado, que não sossegava; não podia perdê-lo de vista. Qualquer distração, estava na rua. E isto desde pequenino; tinha ainda dous anos, quando escapou de morrer embaixo de um carro, ali mesmo; esteve por um fio. Se não fosse um homem que passava, um senhor bem vestido, que acudiu depressa, até com perigo de vida, estaria morto e bem morto. Nisto o marido, que vinha pela calçada oposta, atravessou a rua, e interrompeu a conversação. Trazia o cenho carregado, mal cumprimentou a vizinha, e entrou; a mulher foi ter com êle. Que era? O marido contou a surriada.

— Passou por aqui, disse ela.

— Não conheceste o homem?

— Não.

O marido cruzou os braços e ficou a olhar, fixo, calado. A mulher perguntou-lhe quem era.

—• É aquele homem que nos salvou o Deolindo da morte.

A mulher estremeceu.

— Viste bem? perguntou.

— Perfeitamente. Se eu já o tinha encontrado outras vezes, mas então não estava assim. Coitado! E a molecada berrava atrás dele. Qual! não há polícia nesta terra.

O que lhe doía à mulher não era tanto o mal do homem, nem ainda a surriada; mas a parte que teve nesta o filho, — a mesma criança que o homem salvara da morte. Realmente, como podia o menino reconhecê-lo, nem saber que lhe devia a vida? Doía-lhe o encontro, a coincidência. Afinal, contentou-se de pôr todas as culpas em si. Se tivesse tido mais cuidado, o pequeno não haveria saído, e não entraria na troça. Tremia de quando em quando, e estava inquieta. O marido pegou na cabeça do filho, e deu-lhe dous beijos.

— Você viu a cena toda? perguntou à mulher.

— Vi.

— Eu ainda quis dar o braço ao homem, e trazê-lo para aqui; mas, tive vergonha; os moleques eram capazes de dar-me uma vaia. Desviei o rosto, porque êle podia reco-nhecer-me. Coitado! Nota que não parecia ouvir nada, e seguia satisfeito, creio que até ria... Que triste cousa que é perder o juízo!

A mulher pensava na travessura do filho; não a referiu ao marido, pediu à vizinha que não aludisse a ela, e, de noite, só pregou olho tarde. Metera-se-lhe em cabeça que, anos depois, o filho endoudecia, era castigado pela mesma troça, e que ela cuspia para o céu, indignada, blasfemando.

(Ibid., págs. 340-342.)

CAPITULO CXCVIII

— Ao vencedor, as batatas! exclamou Rubião quando deu com os olhos na rua, sem noite, sem água, beijada do sol.

(Ibid.,çàg. 357.)

CAPITULO CXCIX

Foi a comadre do Rubião que o agasalhou e mais ao cachorro, vendo-os passar defronte da porta. Rubião conheceu-a, aceitou o abrigo e o almoço.

— Mas que é isso, seu compadre? Como foi que che gou assim? Sua roupa está toda molhada. Vou dar-lhe umas calças de meu sobrinho.

Rubião tinha febre. Comeu pouco e sem vontade. A comadre pediu-lhe contas da vida que passara na Corte, ao que êle respondeu que levaria muito tempo, e só a posteridade a acabaria. Os sobrinhqs de seu sobrinho, concluiu êle magnificamente, é que hão de ver-me em toda a minha glória. Começou, porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos, entrou a sentir medo. Quando os minutos chegaram a vinte, pediu licença e foi a uma vizinha dizer que Rubião parecia ter virado o juízo. Voltou com ela e um irmão, que se demorou pouco tempo e saiu a espalhar a nova. Vieram vindo outras pessoas, às duas e às quatro, e, antes de uma hora, muita gente espiava da rua.

— Ao vencedor, as batatas! — bradava Rubião aos curiosos. Aqui estou imperador! Ao vencedor, as batatas!

Esta palavra obscura e incompleta era repetida na rua, examinada, sem que lhe dessem com o sentido. Alguns antigos desafetos do Rubião iam entrando, sem cerimónia, para gozá-lo melhor; e diziam à comadre que não lhe convinha ficar com um doudo em casa, era perigoso; devia mandá-lo para a cadeia, até que a autoridade o remetesse para outra parte. Pessoa mais compassiva lembrou a conveniência de chamar o doutor.

— Doutor para quê? acudiu um dos primeiros. Este homem está maluco.

— Talvez seja delírio de febre; já viu como está quente?

Angélica, animada por tantas pessoas, tomou-lhe o pulso, e achou-o febril. Mandou vir o médico, — o mesmo que tratara o finado Quincas Borba. Rubião conheceu-o também; e respondeu-lhe que não era nada. Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não; era certo, porém, que exigiria uma indenização pecuniária enorme, — cinco biliões de francos.

— Ao vencedor, as batatas! concluiu rindo.

(Ibid., págs. 357-359.)

CAPITULO CC

Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não senhor; êle pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só êle via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito;

o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

(*Ibid.*, pág. 359.)

CAPÍTULO CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se êle, se o seu defunto homónimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão prenhe de questões, que nos levariam longe. . . Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

DOM CASMURRO

CAPITULO XXXII

OLHOS DE RESSACA

Tudo era matéria às curiosidades de'Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fêz ambas as cousas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

— Está na sala penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi êle, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

— Há alguma cousa?

— Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?

— Eu bem. José Dias ainda não falou?

— Parece que não. ,

— Mas então quando fala?

— Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamJte tem a resolução feita...

— Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias poderá influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Êle é atendido; se, porém. .. É um inferno isto! Você teime com êle, Bentinho.

— Teimo; hoje mesmo êle há de falar.

— Você jura?

* — Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada". Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a côr e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados nêlcs, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que cies foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e'enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca, Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-

me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar poetas. Estou para contar que, ao cabo de um tempo não marcado, agarrei-me definitivamente aos cabelos de Capitu, mas então com as mãos, e disse-lhe, — para dizer alguma coisa, — que era capaz de os pentear, se quisesse.

— Você?

— Eu mesmo.

— Vai embaraçar-me o cabelo todo, isso sim.

— Se embaraçar, você desembaraça depois.

— Vamos ver.

(*D. Casmurro*, 2.ª edição, H. Garnier, Rio-Paris, [1900], págs. 95-98.)

CAPITULO XXXIII

O PENTEADO

—i

Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esquecestes

que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse. — Senta aqui, é melhor.

Sentou-se. "Vamos ver o grande cabeleireiro", disse-me rindo. Continuei a alisar os cabelos, com muito cuidado, e dividi-os em duas porções iguais, para compor as duas tranças. Não as fiz logo, nem assim depressa, como podem' supor os cabeleireiros de ofício, mas devagar, devagarinho, saboreando pelo tato aqueles fios grossos, que eram parte dela. O trabalho era atrapalhado, às vezes por desazo, outras de propósito para desfazer o feito e refazê-lo. Os dedos roçavam na nuca da pequena ou nas espápuas vestidas de chita, e a sensação era um deleite. Mas, enfim, os cabelos iam acabando, por mais que eu os quisesse intermináveis. Não pedi ao céu que eles fossem tão longos como os da Aurora, porque não conhecia ainda esta divindade que os velhos poetas me apresentaram depois; mas, desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um número inominável de vezes. Se isto vos parecer enfático, desgraçado leitor, é que nunca penteastes uma pequena, nunca pusestes as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa... Uma ninfa! Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Té-tis; risquei Tétis, risquemos ninfa; digamos somente uma criatura amada, palavra que envolve todas as potências cristãs e pagãs. Enfim, acabei as duas tranças. Onde estava a fita para atar-lhes as pontas? Em cima da mesa, um triste pedaço de fita enxovalhada. Juntei as pontas das . tranças, uni-as por um laço, retoquei a obra, alargando aqui, achatando ali, até que exclamei: — Pronto! •— Estará bom?

— Veja no espelho.

Em vez de ir ao espelho, que pensais que fêz Capitu? Não vos esqueçais que estava sentada, de costas para mim. Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ela, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; mas nem esta razão a moveu.

— Levanta, Capitu!

Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e...

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso, atordoado, não achava gesto nem ímpeto que me deslocasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas. .. Não mofes dos meus quinze anos, leitor precoce. Com dezessete, Des Grieux (e mais era Des Grieux) não pensava ainda na diferença dos sexos.

(Ibid., págs. 99-101.)

CAPITULO XXXIV

SOU HOMEM!

Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a

mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro, que ela explicou por estas palavras alegres:

— Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fêz isto. Veja que tranças!

— Que tem? acudiu a mãe, transbordando de benevolência. Está muito bem, ninguém dirá que é de pessoa que não sabe pentear.

— O que, mamãe? Isto? redarguiu Capitu desfazendo as tranças. Ora, mamãe!

E com um enfadamento gracioso e voluntário que às vezes tinha, pegou do pente e alisou os cabelos para renovar o penteado. D. Fortunata chamou-lhe tonta, e disse-me que não fizesse caso, não era nada, maluquices da filha. Olhava com ternura para mim e para ela. Depois, parece-me que desconfiou. Vcndo-me calado, enfiado, cosido à parede, achou talvez que houvera entre nós algo mais que penteado, e sorriu por dissimulação...

Como eu quisesse falar também para disfarçar o meu estado, chamei algumas palavras cá de dentro,, e elas acudiram de pronto, mas de atropelo, e encheram-me a boca sem poder sair nenhuma. O beijo de Capitu fecha-va-me os lábios. Uma exclamação, um simples artigo, por mais que investissem com força, não logravam romper de dentro. E todas as palavras recolheram-se ao coração, murmurando: "Eis aqui um que não fará grande carreira no mundo, por menos que as emoções o dominem ..."

Assim, apanhados pela mãe, éramos dois e contrários, ela encobrindo com a palavra o que eu publicava pelo silêmeio. D. Fortunata tirou-me daquela hesitação,

dizendo que minha mã>e me mandara chamar para a lição de latim; o Padre Cabral estava à minha espera. Era uma saída; despedi-me e enfiei pelo corredor. Andando, ouvi que a mãe censurava as maneiras da filha, mas a filha não dizia nada.

Corri ao meu quarto, peguei dos livros, mas não passei à sala da lição; sentei-me na cama, recordando o penteado e o resto. Tinha estremeções, tinha uns esquecimentos em que perdia a consciência de mim e das cousas que me rodeavam, para viver não sei onde nem como. E tornava a mim, e via a cama, as paredes, os livros, o chão, ouvia algum som de fora, vago, próximo ou remoto, e logo perdia tudo para sentir somente os beiços de Capitu... Sentia-os estirados, em baixo dos meus, igualmente esticados para os dela, e unindo-sc uns aos outros. De repente, sem querer, sem pensar, saiu-me da boca esta palavra de orgulho:

— Sou homem!

Supus que me tivessem ouvido, porque a palavra saiu em voz alta, e corri à porta da alcova. Não havia ninguém fora. Voltei para dentro e, baixinho, repeti que era homem. Ainda agora tenho o eco aos meus ouvidos. O gosto que isto me deu foi enorme. Colombo não o teve maior, descobrindo a América, e perdoai a banalidade em favor do cabimento; com efeito, há em cada adolescente um mundo encoberto, um almirante e Um sol de outubro. Fiz outros achados mais tarde; nenhum me deslumbrou tanto. A denúncia de José Dias alvoroçara-me, a lição do velho coqueiro também, a vista dos nossos nomes abertos por ela no muro do quintal deu-me grande abalo, como vistes; nada disso valeu a sensação do beijo. Podiam ser mentira ou ilusão. Sendo verdade, eram os ossos da verdade, não eram a carne e o sangue dela. As

próprias mãos tocadas, apertadas, como que fundidas, não podiam dizer tudo.

— Sou homem!

Quando repeti isto, pela terceira vez, pensei no seminário, mas como se pensa em perigo que passou, um mal abortado, um pesadelo extinto; todos os meus nervos me disseram que homens não são padres. O sangue era da mesma opinião. Outra vez senti os beiços de Capitu. Talvez abuso um pouco das reminiscências osculares; mas a saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas. Ora, de todas as daquele tempo creio que a mais doce é esta, a mais nova, a mais compreensiva, a que inteiramente me revelou a mim mesmo. Outras lenho, vastas e numerosas, doces também, de vária espécie, muitas intelectuais, igualmente intensas. Grande homem que fosse, a recordação era menor que esta.

(*Ibid.*, págs. 102-105.)

CAPITULO LXXXIV

CHAMADO

No saguão e na rua, examinei ainda comigo se efetivamente êle teria desconfiado alguma cousa, mas achei que não e pus-me a andar. Ia satisfeito com a visita, com a alegria de Capitu, com os louvores de Gurgel, a tal ponto que não acudi logo a uma voz que me chamava:

— Sr. Bentinho! Sr. Bentinho!

Só depois que a voz cresceu e o dono dela chegou à porta é que eu parei e Vi o que era e onde estava. Estava já na Rua de Mata-cavalos. A casa era uma loja de louça, escassa e pobre; tinha as portas meio cerradas,

e a pessoa que me chamava era um pobre homem grisalho e mal vestido.

— Sr. Bentinho, disse-me êle chorando; sabe que meu filho Manduca morreu?

— Morreu?

— Morreu há meia hora, enterra-se amanhã. Mandei recado a sua mãe agora mesmo, e ela fêz-me a caridade de mandar algumas flores para botar no caixão. Meu pobre filho! Tinha de morrer, e foi bom que morresse, coitado, mas apesar de tudo sempre dói. Que vida que êle teve!... Um dia destes ainda se lembrou do senhor, e perguntou se estava no seminário... Quer vê-lo? Entre, ande vê-lo...

Custa-me dizer isto, mas antes peque por excessivo que por diminuto. Quis responder que não, que não queria ver o Manduca, e fiz até um gesto para fugir. Não era medo; noutra ocasião pode ser até que entrasse com facilidade e curiosidade, mas agora ia tão contente! Ver um defunto ao voltar de uma namorada... Há coisas que se não ajustam nem combinam. A simples notícia era já uma turvação grande. As minhas ideias de ouro perderam todas a côr e o metal para se trocarem em cinza escura e feia, e não distingui mais nada. Penso que cheguei a dizer que tinha pressa, mas provavelmente não falei por palavras claras, nem sequer humanas, porque êle, encostado ao portal, abria-me espaço com o gesto, e eu, sem alma para entrar nem fugir, deixei ao corpo fazer o que pudesse, e o corpo acabou entrando.

Não culpo ao homem; para êle, a coisa mais importante do momento era o filho. Mas também não me culpem a mim; para mim, a coisa mais importante era Capitu. O mal foi que os dois casos se conjugassem na mesma tarde, e que a morte de um viesse meter o

nariz na vida do outro. Eis o mal todo. Se eu passasse antes ao depois, ou se o Manduca esperasse algumas horas para morrer, nenhuma nota aborrecida viria interromper as melodias da minha alma. Por que morrer exatamente há meia hora? Toda hora é apropriada ao óbito; morre-se muito bem às seis ou sete horas da tarde.

(Ibid., págs. 242-244.)'

CAPÍTULO LXXXV

O DEFUNTO

Tal foi o sentimento confuso com que entrei na loja de louça. A loja era escura, e o interior da casa menos luz tinha, agora que as janelas da área estavam cerradas. A um canto da sala de jantar vi a mãe chorando; à porta da alcova duas crianças olhavam espantadas para dentro, com o dedo na boca. O cadáver jazia na cama; a cama. ..

Suspendamos a pena e vamos à janela espairecer a memória. Realmente, o quadro era feio, já pela morte, já pelo defunto, que era horrível... Isto aqui, sim, é outra cousa. Tudo o que vejo lá fora respira vida, a cabra que rumina ao pé de uma carroça, a galinha que marisca no chão da rua, o trem da Estrada Central que bufa, assobia, fumega e passa, a palmeira que investe para o céu, e finalmente aquela torre de igreja, apesar de não ter músculos nem folhagem. Um rapaz, que ali no beco empina um papagaio de papel, não morreu nem morre, posto também se chame Manduca.

Verdade é que o outro Manduca era mais velho que este, pouco mais velho. Teria dezoito ou dezenove anos,

mas tanto lhe darias quinze como vinte e dois, a cara não permitia trazer a idade à vista, antes a escondia nas dobras da... Vá, diga-se tudo; é morto, os seus parentes são mortos, se existe algum não é em tal evidência que se vexe ou doa. Diga-se tudo; Manduca padecia de uma cruel enfermidade, nada menos que a lepra. Vivo era feio; morto pareceu-me horrível. Quando eu vi, estendido na cama, o triste corpo daquele meu vizinho, fiquei apavorado e desviei os olhos. Não sei que mão oculta me compeliu a olhar outra vez, ainda que de fugida; cedi, olhei, tornei a olhar, até que recuei de todo e saí do quarto.

— Padeceu muito! suspirou o pai.

— Coitado de Manduca! soluçava a mãe.

EU cuidei de sair, disse que era esperado em casa, e despedi-me. O pai perguntou-me se lhe faria o favor de ir ao enterro; respondi com a verdade, que não sabia, faria o que minha mãe quisesse. E rápido saí, atravessei a loja, e saltei à rua.

(Ibid., págs. 245-246.)

CAPITULO XC

A POLÉMICA

No dia seguinte, passei pela casa do defunto, sem entrar nem parar, —- ou, se parei, foi só um instante, ainda mais breve que este em que vo-lo digo. Se me não engano, andei até mais depressa, receando que me chamassem como na véspera. Uma vez que não ia ao enterro, antes longe que próximo. Fui andando e pensando no pobre diabo.

Não éramos amigos, nem nos conhecíamos de muito. Intimidade, que intimidade podia haver entre a doença dele e a minha saúde? Tivemos relações breves e distantes. Fui pensando nelas, recordando algumas. Re-duziam-se todas a uma polémica, entre nós, dois anos antes, a propósito.. . Mal podeis crer a que propósito foi. Foi a guerra da Criméia.

Manduca vivia no interior da casa, deitado na cama, lendo por desfastio. Ao domingo, sobre a tarde, o pai enfiava-lhe uma camisola escura, e trazia-o para o fundo da loja, donde êle espiava um palmo da rua e a gente que passava. Era todo o seu recreio. Foi ali que o vi uma vez, c não fiquei pouco espantado; a doença ia-lhe comendo parte das carnes, os dedos queriam apertar-se; o aspecto não atraía, decerto. Tinha eu de treze para quatorze anos. Da segunda vez que o vi ali, como falássemos da guerra da Criméia, que então ardia e andava nos jornais, Manduca disse que os aliados haviam de vencer, e eu respondi que não.

— Pois veremos, tornou êle. Só se a justiça não vencer neste mundo, o que é impossível, e a justiça está com os aliados.

— Não, senhor, a razão é dos russos.

Naturalmente, íamos com o que nos diziam os jornais da cidade, transcrevendo os de fora, mas pode ser também que cada um de nós tivesse a opinião do seu temperamento. Fui sempre um tanto moscovita nas minhas ideias. Defendi o direito da Rússia, Manduca fêz o mesmo ao dos aliados, e o terceiro domingo em que entrei na loja tocamos outra vez no assunto. Então Manduca propôs que trocássemos a argumentação por escrito, e na terça ou quarta-feira recebi duas folhas de papel contendo a exposição e - defesa do direito dos alia-

dos, e da integridade da Turquia, concluindo por esta frase profética:

"Os russos não hão de entrar em Constantinopla!" Li-a e meti-me a refutá-la. Não me recorda um só dos argumentos que empreguei, nem talvez interesse conhecê-los, agora que o século está a expirar; mas a ideia que me ficou deles é que eram irrespondíveis. Fui eu mesmo levar-lhe o meu papel. Fizeram-me entrar na alcova, onde êle jazia estirado na cama, mal coberto por uma colcha de retalhos. Ou gosto da polémica ou qualquer outra causa que não alcanço, não me deixou sentir toda a repugnância que saía da cama e do doente, e o prazer com que lhe dei o papel foi sincero. Manduca, pela sua parte, por mais nojosa que tivesse então a cara, o sorriso que a acendeu dissimulou o mal físico. A convicção com que me recebeu o papel e disse que ia lei e responderia é que não tem palavras nossas nem alheias que a digam de todo e com verdade; não era exaltada, não era ruidosa, não tinha gestos, nem a moléstia os permitiria: era simples, grande, profunda, com gozo infinito de vitória, antes de saber os meus argumentos. Tinha já papel, pena e tinta ao pé da cama. Dias depois recebi a réplica; não me lembra se trazia cousas novas ou não; o calor é que crescia, e o final era o mesmo:

"Os russos não hão de entrar em Constantinopla!" Trepliquei, e daí continuou por algum tempo uma polémica ardente, em que nenhum de nós cedia, defendendo cada um os seus clientes com força e brio. Manduca era mais longo e pronto que eu. Naturalmente a mim sobravam mil cousas que distraíam, o estudo, os recreios, a família, e a própria saúde, que me chamava a outros exercícios. Manduca, salvo o palmo de rua ao domingo de tarde, tinha sõ esta guerra, assunto da cidade e do

mundo, más que ninguém ia tratar com êle. O acaso deralhe em mim um adversário; êle, que tinha gosto à escrita, deitou-se ao debate, como a um remédio novo e radical. As horas tristes e compridas eram agora breves e alegres; os olhos desaprenderam de chorar, se porventura choravam antes. Senti esta mudança dele nas próprias maneiras do pai e da mãe.

— Não imagina como êle anda agora, depois que o senhor lhe escreve aqueles papéis, dizia-me o dono da loja, uma vez, à porta da rua. Fala e ri muito. Logo que eu mando o caixeiro levar-lhe os papéis dele, entra a indagar da resposta, e se demorará muito, e que pergunte ao moleque, quando passar. Enquanto espera, relê jornais e toma notas. Mas também, apenas recebe os seus papéis, atira-se a lê-los, e começa logo a escrever a resposta. Há ocasiões em que não come ou come mal; tanto que eu queria pedir-lhe uma coisa, é que não os mande à hora do almoço ou de jantar. . .

Fui eu que cansei primeiro. Comecei a demorar as respostas, até que não dei mais nenhuma; êle ainda teimou duas ou três vezes depois do meu silêncio, mas não recebendo contestação alguma, por fadiga também ou por não aborrecer, acabou de todo com as suas apologias. A última, como a primeira, como todas, afirmava a mesma predição eterna:

"Os russos não hão de entrar em Constantinopla!"

Não entraram, efetivamente, nem então, nem depois, nem até agora. Mas a predição será eterna? Não chegarão a entrar algum dia? Problema difícil. O próprio Manduca, para entrar na sepultura, gastou três anos de dissolução, tão certo é que a natureza, como a história, não se faz brincando. A vida dele resistiu como a Turquia; se afinal cedeu foi porque lhe faltou uma aliança

como a anglo-francesa, não se podendo considerar tal o simples acordo da medicina e da farmácia. Morreu afinal, como os Estados morrem; no nosso caso particular, a questão é saber, não se a Turquia morrerá, porque a morte não poupa a ninguém, mas se os russos entrarão algum dia em Constantinopla; essa era a questão para o meu vizinho leproso, debaixo da triste, rota e infecta colcha de retalhos...

(*Ibid.*, págs. 254-257.)

CAPÍTULO XCVII

A SAÍDA

Tudo se fêz por esse teor. Minha mãe hesitou um pouco, mas acabou cedendo, depois que o Padre Cabral, tendo consultado o bispo, voltou a dizer-lhe que sim, que podia ser. Saí do seminário no fim do ano.

Tinha então pouco mais de dezessete... Aqui devia ser o meio do livro, mas a inexperiência fêz-me ir atrás da pena, e chego quase ao fim do papel, com o melhor da narração por dizer. Agora não há mais que levá-la a grandes pernadas, capítulo sobre capítulo, pouca emenda, pouca reflexão, tudo em resumo. Já esta página vale por meses, outras valerão por anos, e assim chegaremos ao fim. Um dos sacrifícios que faço a esta dura necessidade é a análise das minhas emoções dos dezessete anos. Não sei se alguma vez tiveste dezessete anos. Se sim, deves saber que é a idade em que a metade do homem e a metade do menino formam um só curioso. Eu era um curiosíssimo, diria o meu agregado José Dias, e não diria mal. O que essa qualidade superlativa me ren-

deu não poderia nunca dizê-lo aqui, sem cair no erro que acabo de condenar; a análise das minhas emoções daquele tempo é que entrava no meu plano. Posto que filho do seminário e de minha mãe, sentia já debaixo do recolhimento casto uns assomos de petulância e de atrevimento; eram do sangue, mas eram também das moças que na rua ou da janela não me deixavam viver sossegado. Achavam-me lindo, e diziam-mo; algumas queriam mirar de mais perto a minha beleza, e a vaidade é um princípio de corrupção.

(*Ibid.*, págs. 277-278.)

CAPÍTULO

CU DE

CASADA

Imagina um relógio que só tivesse pêndulo, sem mostrador, de maneira que não se visesm as horas escritas. O pêndulo iria de um lado para outro, mas nenhum sinal externo mostraria a marcha do tempo. Tal foi aquela semana da Tijuca.

De quando em quando, tornávamos ao passado e divertíamo-nos em relembrar as nossas tristezas e calamidades, mas isso mesmo era um modo de não sairmos de nós. Assim vivemos novamente a nossa longa espera de namorados, os anos da adolescência, a denúncia que está nos primeiros capítulos, e ríamos de José Dias que conspirou a nossa desunião, e acabou festejando o nosso consórcio. Uma ou outra vez, falávamos em descer, mas as manhãs marcadas eram sempre de chuva ou de sol, e nós esperávamos um dia encoberto, que teimava em não vir.

Não obstante, achei que Capitu estava um tanto impaciente por descer. Concordava em ficar, mas ia falando do pai e da minha mãe, da falta de notícias nossas, disto e daquilo, a ponto que nos arrufamos um pouco. Per-gunteiihe se já estava aborrecida de mim.

— Eu?

— Parece.

— Você há de ser sempre criança, disse ela fechan-dome a cara entre as mãos e chegando muito os olhos aos meus. Então eu esperei tantos anos para aborrecer-me em sete dias? Não, Bentinho; digo isto porque é realmente assim, creio que eles podem estar desejosos de ver-nos e imaginar alguma doença; e confesso, pela minha parte, que queria ver papai.

— Pois vamos amanhã.

— Não; há de ser com tempo encoberto, redarguiu rindo.

Peguei-lhe no riso e na palavra, mas a impaciência continuou, e descemos com sol.

A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. E quando eu me vi embaixo, pisando as ruas com ela, parando, olhando, falando, senti a mesma cousa. Inventava passeios para que me vissem, me confirmassem e me invejassem. Na rua, muitos voltavam a cabeça curiosos, outros paravam, alguns perguntavam: "Quem são?" e um sabido explicava: "Este é o doutor Santiago, que casou há dias com aquela moça, D. Capitolina, depois de uma longa paixão de crianças;

moram na Glória, as famílias residem em Mata-cavalos." E ambos os dois: "É uma mocetona!"

(*Ibid.*, págs. 289-291.)

I

CAPITULO CIX UM

FILHO ÚNICO

Ezequiel, quando começou o capítulo anterior, não era ainda gerado; quando acabou era cristão e católico. Este outro é destinado a fazer chegar o meu Ezequiel aos cinco anos, um rapagão bonito, com os seus olhos claros, já inquietos, como se quisessem namorar todas as moças da vizinhança, ou quase todas.

Agora, se considerares que êle fòi único, que nenhum outro veio, certo nem incerto, morto nem vivo, um só e único, imaginarás os cuidados que nos deu, os sonos que nos tirou, e que sustos nos meteram as crises dos dentes e outras, a menor febrícula, toda a existência comum das crianças. A tudo acudíamos, segundo cumpria e urgia, cousa que não era necessário dizer, mas há leitores tão obtusos, que nada entendem, se se lhes não relata tudo e o resto. Vamos ao resto.

{*Ibid.*, pág. 308.)

CAPITULO CXVI

FILHO DO HOMEM

Apalpei José Dias sobre as maneiras novas de minha mãe; ficou espantado. Não havia nada, nem podia haver

cousa nenhuma, tantos eram os louvores incessantes que êle ouvia "à bela e virtuosa Capitu".

— Agora, quando os ouço, entro também no coro; i mas a princípio ficava envergonhadíssimo. Para quem chegou, como eu, a arrenegar deste casamento, era duro confessar que êle foi uma verdadeira bênção do céu. Que digna senhora nos saiu a criança travessa de Mata-cavalos! O pai é que nos separou um pouco, enquanto não nos conhecíamos, mas tudo acabou em bem. Pois, sim, senhor, quando D. Glória elogia a sua nora e comadre ...

— Então, mamãe?...

— Perfeitamente!

— Mas, por que é que não nos visita há tanto tempo?

— Creio que tem andado mais achacada dos seus reu matismos. Este ano tem feito muito frio... Imagine a aflição dela, que andava o dia inteiro: agora é obriga da a estar quieta, ao pé do irmão, que lá tem o seu mal...

Quis observar-lhe que tal razão explicava a interrupção das visitas, e não a frieza quando íamos nós a Mata-cavalos; mas não estendi tão longe a intimidade do agregado. José Dias pediu para ver o nosso "profetazinho" (assim chamava a Ezequiel) e fêz-lhe as festas do costume. Desta vez falou ao modo bíblico (estivera na véspera a folhear o livro de Ezequiel, como soube depois) e perguntava-lhe: "Como vai isso, filho do homem?" "Dize-me, filho do homem, onde estão os teus brinquedos?" "Queres comer doce, filho do homem?"

— Que filho do homem é esse? perguntou-lhe Capitu agastada.

— São os modos de dizer da Bíblia.

— Pois eu não gosto deles, replicou ela com aspereza.

— Tem razão, Capitu, concordou o agregado. Vo-

cê não imagina como a Bíblia é cheia de expressões cruas e grosseiras. Eu falava assim para variar.. . Tu como vais, meu anjo? Meu anjo, como é que eu ando na rua?

— Não, atalhou Capitu; já lhe vou tirando esse cos-' tume de imitar os outros.

— Mas tem muita graça; a mim, quando êle copia os meus gestos, parece-me que sou eu mesmo, pequenino. Outro dia chegou a fazer um gesto de D. Glória, tão bem que ela lhe deu um beijo em paga. Vamos, como é que eu ando?

— Não, Ezequiel, disse eu, a mamãe não quer.

Eu mesmo achava feio tal sestro. Alguns dos gestos já lhe iam ficando mais repetidos, como o das mãos e pés de Escobar; ultimamente, até apanhara o modo de voltar da cabeça deste, quando falava, e o de deixá-la cair, quando ria. Capitu ralhava. Mas o menino era travesso, como o diabo; apenas começamos a falar de outra cousa, saltou ao meio da sala, dizendo a José Dias:

— O senhor anda assim.

Não pudemos deixar de rir, eu mais que ninguém. A primeira pessoa que fechou a cara, que o repreendeu e chamou a si foi Capitu. — Não quero isso, ouviu?

(*Ibid.*, págs. 326-328.)

CAPITULO CXXIII

OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero

daquele lance consternou a todos; Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

(*Ibid.*, pág. 343.)

CAPITULO CXXXVI A

XÍCARA DE CAFÉ

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingeri-la. Até lá, não tendo esquecido de todo a minha história romana, lembrou-me que Catão, antes de se matar, leu e releu um livro de Platão. Não tinha Platão comigo; mas um tomo truncado de Plutarco, em que era narrada a vida do célebre romano, bastou-me a ocupar aquele pouco tempo, e, para em tudo imitá-lo, estirei-me no canapé. Nem era só imitá-lo nisso; tinha necessidade de incutir em mim a coragem dele, assim como êle precisara dos sentimentos do filósofo, para intrèpidamen-

te morrer. Um dos males da ignorância é não ter este remédio à última hora. Há muita gente que se mata sem êle, e nobremente expira; mas estou que muito mais gente poria termo aos seus dias, se pudesse achar essa espécie de cocaína moral dos bons livros. Entretanto, querendo fugir a qualquer suspeita de imitação, lembra-me bem que, para não ser encontrado ao pé de mim o livro de Plutarco, nem ser dada a notícia nas gazetas com a côr das calças que eu então vestia, assentei de pô-lo novamente no seu lugar, antes de beber o veneno.

O copeiro trouxe o café. Ergui-me, guardei o livro, e fui para a mesa onde ficara a xícara. Já a casa estava em rumores; era tempo de acabar comigo. A mão tre-meu-me ao abrir o papel em que trazia a droga embrulhada. Ainda assim tive ânimo de despejar a substância na xícara, e comecei a mexer o café, os olhos vagos, a memória em Dcsdêmoria inocente; o espetáculo da véspera vinha intrometer-se na realidade da manhã. Mas a fotografia de Escobar deu-me o ânimo que me ia faltando; lá estava êle, com a mão nas costas da cadeira, a olhar ao longe...

— Acabemos com isto, pensei.

Quando ia a beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa; beberia depois; era melhor. Assim disposto, entrei a passear no gabinete. Ouvi a voz de Ezequiel no corredor, vi-o entrar e correr a mim bradando:

— Papai! papai!

Leitor, houve aqui um gesto que eu não descrevo por havê-lo inteiramente esquecido, mas crê que foi belo e trágico. Efetivamente, a figura do pequeno fêz-me recuar até dar de costas na estante. Ezequiel abraçou-me

os joelhos, esticou-se na ponta dos pés, como querendo subir e dar-me o beijo do costume; e repetia, puxando-me:

— Papai! papai!

(*Ibid.*, págs. 369-370.)

CAPÍTULO CXXXVII

SEGUNDO IMPULSO

Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Çhamenvme embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.

— Já, papai; vou à missa com mamãe.

— Toma outra xícara, meia xícara só.

— E papai?

— Eu mando vir mais; anda, bebe!

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trémulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio. .. Mas não sei que senti que me fêz recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

— Papai! papai! esclamava Ezequiel.

— Não, não, eu não sou teu pai!

(*Ibid.*, págs. 371-372.)

CAPITULO CXXXVIII

CAPITU QUE ENTRA

Quando levantei a cabeça, dei cOm a figura de Capitu diante de mim. Eis aí outro lance, que parecerá de teatro, e é tão natural como o primeiro, uma vez que a mãe e o filho iam à missa> e Capitu não saía sem falarme. Era já um falar seco e breve; a mor parte das vezes, eu nem olhava para ela. Ela olhava sempre, esperando.

Desta vez, ao dar com ela, não sei se era dos meus olhos, mas Capitu pareceu-me lívida. Seguiu-se um daqueles silêncios, a que, sein mentir, se podem chamar de um século, tal é a extensão do tempo nas grandes crises. Capitu recompôs-se; disse ao filho que se fosse embora e pediu-me que lhe explicasse...

— Não há qúe explicar, disse eu.

. —■ Há tudo; não entendo as tuas lágrimas nem as de Ezequiel. Que houve entre vocês?

— Não ouviu o que lhe disse?

Capitu respondeu que ouvira choro e rumor de palavras. Eu creio que ouvira tudo claramente, mas confessá-lo seria perder a esperança do silêncio e da reconciliação; por isso negou a audiência e confirmou unicamente a vista. Sem lhe contar o episódio do café, repeti-lhe as palavras do final do capítulo.

— O quê? perguntou ela, como se ouvira mal.

•— Que não é meu filho.

Grande foi a estupefação de Capitu, e não menor a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista do nosso foro.

Já ouvi que as há para vários casos, questão de preço; eu não creio, tanto mais que a pessoa que me contou isto acabava de perder uma demanda. Mas, haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira; a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela. Assim que, sem atender à linguagem de Capitu, aos seus gestos, à dor que a retorcia, a coisa nenhuma, repeti as palavras ditas duas vezes, com tal resolução, que a fizeram afrouxar. Após alguns instantes, disse-me ela:

— Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto, você, que era tão cioso do^ menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tal ideia? Diga, — continuou, vendo que eu não respondia nada, — diga tudo; depois do que ouvi, posso ouvir o resto, nao pode ser muito. Que é que lhe deu agora tal convicção? Ande, Bentinho, fale! fale! Despeça-me daqui, mas diga tudo primeiro.

— Há cousas que se não dizem.

— Que se não dizem só metade; mas já que disse metade, diga tudo.

Tinha-se sentado numa cadeira ao pé da mesa. Podia estar um tanto confusa, o porte não era de acusada. Pedi-lhe ainda uma vez que não teimasse.

— Não, Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação: não posso mais!

— A separação é cousa decidida, redargui, pegando-lhe na proposta. Era melhor que a fizéssemos por meias palavras ou em silêncio; cada um iria com a sua ferida. Uma vez, porém, que a senhora insiste, aqui vai o que lhe posso dizer, e é tudo.

Não disse tudo; mal pude aludir aos amores de Esco-bar sem proferir-lhe o nome. Capitu não pôde deixar de

rir, de um riso que eu sinto não poder transcrever aqui; depois, em um tom juntamente irónico e melancólico: — Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!

Consertou a capinha e ergueu-se. Suspirou, creio que suspirou, enquanto eu, que não pedia outra cousa mais que a plena justificação dela, disse-lhe não sei que palavras adequadas a este fim. Capitu olhou para mim com desdém, e murmurou:

— Sei a razão disto; é a casualidade da semelhança... A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural; apesar do seminário, não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisto; não nos fica bem dizer mais nada.

(*Ibid.*, págs. 373-376.)

CAPITULO CXLVIII E

BEM, E O RESTO?

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fêz esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata-caValos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. I: "Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti." Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te

lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. E bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à *'História dos Subúrbios.*

(*Ibid.*, págs. 398-399.)

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Ê extensa (é ainda não de todo levantada) a bibliografia de Machado de Assis. A parte reunida em volume pelo autor é certamente a mais significativa, podendo-se de certo modo considerar como rejeitada a parte grande que ficou esparsa e perdida em periódicos e folhetos.

Sobre o' assunto, modelar e quase definitiva é a grande obra de J. Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis* (Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1955, 772 págs. + 34 páginas de fac-símiles, quase todas de fô-lhas-de-rosto). Trata-se de um trabalho de alto valor, tornado de consulta obrigatória para os estudos macha-dianos.

índice expressivo da falta de cultura literária e filológica do Brasil é o fato de Machado, o maior autor de nossa literatura, não contar ainda com uma edição crítica. Só merecem fé as edições da Casa Garnier, de vida do autor, não obstante seus muitos acidentes tipográficos. As edições Jackson representam um empreendimento comercial, mesmo a última, apesar da declaração de que foi cotejada com as fontes, — segundo informa o Sr. Galante de Sousa, que lhe fêz o confronto e assim conclui: "Excetuando-se *Várias Histórias,* a parte da obra, na nova edição 'revista', que acabamos de examinar, continua, quanto ao texto, tão adulterada como nas anteriores da mesma editora, quando não ficou pior." *(Op. cit.,* pág. 45.)

Relacionamos a seguir os romances pela ordem cronológica de aparecimento, descrevendo apenas a melhor edição, que, em princípio, é a última de vida do autor. Não acrescentamos nesta sumária bibliografia os contos, as poesias, o teatro, as crónicas e a crítica, porque o presente volume da coleção é relativo apenas aos romances de Machado.

Ressurreição, nova edição. H. Garnier Livreiro-Editor; 71, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints--Pères, Paris, [1905], 4+260 págs.

A Mão e a Luva, por Machado de Assis [vinheta]. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor; 71, Rua do Ouvidor, 71, 1907, VIII + 190 págs.

Helena, nova edição, H. Garnier Livreiro-Editor; 71, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères, Paris; 1905, 298 págs.

laia Garcia, por Machado de Assis. Nova Edição, K. Garnier Livreiro-Editor; 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, Rua (sic) des Saints-Pères, 6, Paris, 1899, 320 págs.

Memórias Póstumas ãe Brás Cubas, por Machado de Assis, Da Academia Brasileira. Quarta edição. H. Garnier Livreiro-Editor; Rue *(.sic)* Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères, 6 Paris, L'1899], X + 388 págs.

Quincas Borba, Terceira edição. H. Garnier Livreiro-Editor; 71, Rue *(sic)* Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères, 6, Paris, [1899], 8 + 360 págs.

Dom Casmurro, por Machado de Assis, Da Academia Brasileira. Segunda Edição. H. Garnier Livreiro-Editor; 71 Rua Moreira César, 71. Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères, 6, Paris, [1900], 404 págs.

Esaú e Jacó, Segunda edição. H. Garnier Livreiro-Editor; 71, Rua do Ouvidor, 71, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères, 6, Paris, [1904]; VI + 362 págs.

Memorial de Aires, nova edição. H. Garnier Livreiro-Editor; 109, Rua do Ouvidor, 109, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères; 6, Paris, [1908], 8 + 274 págs.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

É vasta a bibliografia machadiana, que foi crescendo com o tempo. Recentemente J. Galante de Sousa publicou uma minuciosa bibliografia, com 1.884 títulos, *Fontes Para o Estudo ãe Machado de Assis,* Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958, 310 págs., onde reúne os verbetes por ano de publicação, e inclui desde artigos até livros.

Entre as centenas de fontes, indicaremos algumas mais importantes, sem que isso signifique sempre, é claro, concordância com as posições da crítica. Os primeiros estudos aparecidos têm cunho descritivo ou biográfico, só mais tarde surgindo, como é natural, os ensaios de interpretação profunda da obra.

ALCIDES MAYA (da Academia Brasileira de Letras), *Machado de Assis (Algumas Notas Sobre o "Humour"),* 2.ª edição, publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, [Bedes-Chi], 1942.

ALFREDO PUJOL, *Machado de Assis,* 2.ª edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1934.

AUGUSTO MEYER, *Machado ãe Assis,* 2.ª edição, Edição da Organização Simões, Rio, 1952.

À Sombra da Estante, Livraria José Olímpio Editora, Rio-São Paulo, 1947, págs. 63-102.

EUGÊNIO GOMES, *Influências Inglesas em Machado de Assis,* Bahia, Imp. Regina, 1939. [Reeditado e ampliado em *Espelho Contra Espelho, Estudos e Ensaios,* Instituto Progresso Editorial S.A., S. Paulo, [1949], págs. 11-77; nesse livro se compendiam ainda diversos artigos machadianos, publicados nas folhas.]

Prata de Casa, Rio de Janeiro, 1953, [Reúnem-se aí vários artigos e estudos, publicados antes em jornais e revistas.]

BARRETO FILHO, *Introdução a Machado ãe Assis,* Livraria Agir Editora, 1947. [Traz em apêndice "Garção e Assis", de Nestor Vítor. O livro de Barreto Filho é o mais seguro

e profundo dos ensaios machadianos, embora, a nosso ver, ainda não tenha ido ao âmago do problema.]

"Machado de Assis", *in A Literatura no Brasil,* direção de Afrânio Coutinho, com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho, vol. II, Rio, [1955], págs. 77-106.

LÚCIA MIGUEL-PEREIRA, *Machado ãe Assis (Estudo Crítico e Biográfico),* 5.ª edição, revista pela autora, Livraria José Olímpio Editora, Río de Janeiro, 1955.

R. MACALHÃES JÚNIOR (da Academia Brasileira), *Machado ãe Assis Desconhecido,* 3.ª edição, texto definitivo, Edição da Editora Civilização Brasileira S.A. especialmente para a Companhia Distribuidora de Livros, [Rio de Janeiro, 1957]. [Importante, principalmente pelos dados novos que'trouKe e as pesquisas realizadas, que permitiram corrigir muitos erros da crítica e da biografia.]

Luiz VIANNA FILHO, *A Vida de Machado de Assis,* Livraria Martins Editora, São Paulo, 1964.

MARIO MATOS (da Academia Mineira de Letras), *Machado ãe Assis, o Homem e a Obra. Os Personagens Explicam o Autor,* Companhia Editora Nacional, São Paulo-Rió, 1939.

ALCEU AMOROSO LIMA (Tristão de Ataíde), *Três Ensaios Sobre Machado ãe Assis,* Livraria Editora Paulo Bluhm, Belo Horizonte, 1941.

WILTON CARDOSO, *Tempo e Memória em Machado ãe Assis,* Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, Belo Horizonte, 1958.

GUSTAVO CORÇÃO, O *Desconcerto ão Mundo,* Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1965.

Ministério da Educação e Saúde — *Exposição de Machado ãe Assis. Centenário do Nascimento ãe Machado ãe Assis. 1839-1939.* [Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde], Rio, [1939]. [Excelente documentário sobre Machado, com retratos, fac-símiles e elementos diversos sobre a vida literária e a vida íntima.]

Revista ão Livro, órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. Ano III, setembro de 1958. Edição come-

morativa do cinquentenário da morte de Machado de Assis. [Traz diversos estudos, de Augusto Meyer, Lúcia Miguel-Pe-reira, Eugênio Gomes, Brito Broca, Peregrino Júnior, Franklin de Oliveira, Astrojildo Pereira, Nelson Werneck Sodré, J. Matoso Câmara Jr., M. Cavalcanti Proença, Hersílio Angelo, B. Magalhães Júnior, Ledo Ivo, Augusto F'ragoso, uma minuciosa e excelente cronologia de J. Galante de Sousa e bom documentário.]

JULGAMENTO CRÍTICO

SÍNTESES INTERPRETATIVAS

De JOSÉ VERÍSSIMO:

"Chegamos agora ao escritor que é a mais alta expressão do nosso génio literário, a mais eminente figura da nossa literatura, Joaquim Maria Machado de Assis ..... Ninguém na literatura brasileira foi mais, ou sequer tanto como êle, estranho a toda a espécie de cabotinagem, de vaidade, de exibicionismo. De raiz odiava toda a publicidade, toda a vulgarização que não fosse puramente a dos seus livros publicados. Do seu mesmo trabalho literário, como de tudo o que lhe dizia respeito, tinha um exagerado recato. Refugia absolutamente às confidências tanto pessoais como literárias. Por coisa alguma quisera que as humildes condições em que nascera servissem para exalçar-lhe a situação que alcançara. Ao seu recatadíssimo orgulho repugnava, como um expediente vulgar, fazer entrar no lustre que conquistara esse elemento de estima."

(História da Literatura Brasileira, Livrarias Alves, Aillaud e Bertrand, Rio-Paris-Lisboa, 1929, págs. 411-412.)

De AUGUSTO MEYER:

"Em Machado, a aparência de movimento, a pirueta e o malabarismo são disfarces que mal conseguem dissimular uma profunda gravidade — deveria dizer: uma terrível es tabilidade. Toda a sua trepidação acaba marcando passo---------- ..... Há em Machado de Assis um ódio entranhado da vida, uma incapacidade radical de aceitação ou até mesmo de compreensão, pois, para compreender, é indispensável postular antes um motivo de compreensão, e o que êle faz é resolver todas as questões suprimindo-as."

(Machado ãe Assis, 2.ª edição. Edição da "Organização Simões", Rio, 1952, págs. 13 e 15.)

De MÁRIO MATOS:

"Nesse delírio do *Brás Cubas*, vemos a síntese das suas criações e a sua teoria da vida. Dentro de tal agitação vã, estupefactos no tumulto dos acontecimentos, movidos pelo raciocínio insano, é que se atormentam os personagens. E foram eles todos criados à imagem e semelhança de Machado de Assis. As suas angústias foram as que o atormentaram na vida, amargurada pelo estigma da pobreza, da côr, da suspicácia e da epilepsia. A obra é amarga como lhe foi intimamente dolorosa a existência. É o espelho de sua vida interior. O homem é os seus personagens. Os personagens explicam o autor."

(.Machado de Assis, Cia. Editora Nacional, 1939, págs. 450-451.)

DE ALCEU AMOROSO LIMA:

"[Machado] foi o grande interiorizador de uma literatura que vinha seguindo há séculos, quase sem exceção, um ea-minho de extroversão e de aventura. Sua aventura pessoal foi, acima de tudo, cerebral e dentro de si mesmo. Embora procurando sempre o mundo, o horizonte, os astros. Um tímido, que sonhava possuir a terra para si, sem que ninguém desconfiasse..." "Machado de Assis atinge, então [no *Brás Cubasl,* e quase de repente, o mais alto grau de sua expressão literária e, ao mesmo tempo, o ápice de sua filosofia da desesperança. As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é, sem dúvida, um livro terrivelmente niilista. A filosofia do Nada, que desde então reponta na obra do autor de *Esaú e Jacó,* atinge nesse livro e de chofre, por assim dizer, a sua expressão, ao mesmo tempo mais genial e mais dissolvente."

(Três Ensaios Sobre Machado de Assis, Livraria Editora Paulo Bluhm, Belo Horizonte, 1941, págs. 14-15 e 54.)

DE BARRETO FILHO:

"O tema do tempo é o pensamento central da obra de Machado, surgido como uma revelação antecipada sob a pressão dos acontecimentos da infância. A experiência ín-

tlma do tempo, mesmo quando não está expressamente formulada, é o que af eta todas as suas criações de uma margem de insegurança moral, de um gosto de cinza. Mas é frequente que a angústia temporal deixe de ser um sentimento para se tornar reflexão." "A obra de Machado de Assis, nas suas reservas, nas suas alusões, parece muitas vezes uma linguagem cifrada, que dá a impressão, a cada passo, de ter um alcance maior do que a sua significação aparente. O sorriso amargo que sempre trouxe na face tem um ar de desafio, como se propusesse um problema e nos convidasse à sua solução."

(Introdução a Machado de Assis, Livraria Agir Editora, Rio, 1947, págs. 17-18 e 229.)

DE RUI BARBOSA:

"Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma dessas predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava ao de leve a pena, lhe ressumava sem azedume das obras, num cepticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as dúvidas e as tristezas do artista."

(O Adeus da Academia a Machado de Assis, Casa de Rui , Barbosa, 1958, pág. 14.)

QUESTIONÁRIO

1. Ler em José Veríssimo (coleção Nossos CLÁSSICOS, n.° 21) a comparação que faz o crítico entre a obra e o estilo de Machado e de Anatole Franee. Será feliz a comparação de Veríssimo? Aconselha-se a leitura do que Alceu Amoroso Lima escreveu sobre Anatole (O *Espirito e o Mundo).*

2. Pesquisar, principalmente nas Crónicas, as declarações do autor que indiquem decisiva e forte influência exercida por outros autores.

3. Organizar lista das referências que Machado faz ao livro do *Eclesiastes,* e procurar discernir se há ironia, niilismo, uso puramente humano, pessimista e céptico, do livro inspirado, ou se há influência mais profunda.

4. Que sentido terá o famoso cepticismo de Machado? Seria interessante compará-lo com a *náusea* dos modernos. Um crítico inglês, fazendo referência a uma tradução de *Brás Cubas,* usou a expressão "pessimismo estimulante". Será boa? Ou será mais exata a classificação de dissolvente?

5. Ler e comparar os julgamentos críticos publicados neste volume, e apreciar a medida em que concordam e a curiosa medida em que sè afastam, às vezes diametralmente, uns dos outros, e muitos da apreciação crítica do organizador deste volume.

6. Teriam os contemporâneos de Machado sentido em toda a sua profundidade a diferença que separa *laia Garcia* de *Brás Cubas?* Pesquisar a correspondência e a crítica contemporânea.

7. Apreciar no capítulo "A Herança" a influência do teatro na obra de Machado, e reler o que a esse respeito escreveu Barreto Filho. Por outro lado, comparar a parcimônia dos cenários machadianos com a exuberância descritiva de um Eça ou de um Alencar.

8. Todos nós colhemos na vida humilhações e algum aplauso. Qual terá sido a dominante na vida de Machado? Terá

sido sua vida relativamente folgada e tranquilamente ascendente, ou terá sido um caminho cheio de pedras e de obstáculos? Será razoável dizer que a obra de Machado atesta um complexo de inferioridade? Será razoável procurar na cõr ou na epilepsia uma explicação para o amargor machadiano?

9. Procurar o manifesto, a proclamação ideológica escondida no delírio de *Brás Cubas.* Alceu Amoroso Lima disse que Machado era um niilista. Em que sentido devemos tomar esse niilismo? Em outras palavras, Machado foi um niilista em termos absolutos, ou foi um niilista em relação aos valores que a época pretendia incúlcar-lhe? 10. Estudar o papel que a loucura representa no romance, no conto e na estrutura da crónica de Machado de Assis.

ÍNDICE

DADOS BIOGRÁFICOS .....

t

APRESENTAÇÃO:

Situação Histórica .....
Estudo Crítico .,.....

ANTOLOGIA:

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS:

CAPÍTULO VII CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXXVI
CAPÍTULO XLVI CAPÍTULO LXVI CAPÍTULO LXX
CAPÍTULO LXXIV
CAPÍTULO LXXV CAPÍTULO CLX

- O Delírio 23
- O Menino é Pai do Homem 30
- O Almocreve 34
- Triste, Mas Curto 37
- A Propósito de Botas 38
- .....A Herança 40
- .....As Pernas 42
- .....D. Plácida 43
- História de D. Plácida _____ 45

QUINCAS BORBA:

CAPÍTULO VI 49
CAPÍTULO XIV 52
CAPÍTULO LV 53
CAPÍTULO LVI 54
CAPÍTULO LVII 56
CAPÍTULO CXLV 58
CAPÍTULO CLXXX 59
CAPÍTULO CLXXXI 61
CAPÍTULO CLXXXII 64
CAPÍTULO CLXXXIII 66
CAPÍTULO CXCVIII **68**

CAPÍTULO CXCIX — 68
CAPÍTULO CC —..... 69
CAPÍTULO CCI — 70

DOM CASMURRO:

CAPÍTULO XXXII — Olhos de Ressaca 71
CAPÍTULO XXXIII — O Penteado 73
CAPÍTULO XXXIV — Sou Homem! 75
CAPÍTULO LXXXIV — Chamado 78
CAPÍTULO LXXXV — O Defunto 80
CAPÍTULO XC — A Polémica 81
CAPÍTULO XCVII — A Saída 85
CAPÍTULO CII — De Casada 86
CAPÍTULO CIX — Um Filho Único..... 88
CAPÍTULO CXVI — Filho do Homem 88
CAPÍTULO CXXIII — Olhos de Ressaca 90
CAPÍTULO CXXXVI — A Xícara de Café 91
CAPÍTULO CXXXVII — Segundo Impulso 93
CAPÍTULO CXXXVIII — Capitu que Entra 94
CAPÍTULO CXLVIII — E Bem, e o Resto? 96

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR 98

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR 100

JULGAMENTO CRITICO 103

QUESTIONÁRIO 106